

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

RAMISSON CORRÊA RAMOS

MACHO E/OU CLIENTE? *As performances* e a construção dos papéis de gênero em estabelecimentos de prostituição de mulheres no município de São Luís/ Maranhão.

São Luís

2023

RAMISSON CORRÊA RAMOS

MACHO E/OU CLIENTE? *As performances* e a construção dos papéis de gênero em estabelecimentos de prostituição de mulheres no município de São Luís/ Maranhão.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Corrêa Ramos, Ramisson.

MACHO E/OU CLIENTE? : As performances e a construção dos papéis de gênero em estabelecimentos de prostituição de mulheres no município de São Luís/ Maranhão / Ramisson Corrêa Ramos. - 2023.

89 f.

Orientador(a): Ana Caroline Amorim Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Masculinidades. 2. Performances de gênero. 3. Prostituição. 4. Relações de gênero. 5. São Luís-Maranhão. I. Amorim Oliveira, Ana Caroline. II. Título.

RAMISSON CORRÊA RAMOS

MACHO E/OU CLIENTE? As *performances* e a construção dos papéis de gênero em estabelecimentos de prostituição de mulheres no município de São Luís/ Maranhão.

Dissertação parcial apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, como pré-requisito para a qualificação no Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira (orientadora)
Doutora em Antropologia Social
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira Doutor
em Arqueologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dra. Mariane da Silva Pisani
Doutora em Antropologia Social
Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTOS

À todas as mulheres fortes e guerreiras que me ensinaram realmente o significado de afeto, cuidado, companheirismo e amor. Uma delas é minha mãe, que agradeço imensamente pelo incondicional amor e cuidado, é ela que é meu porto seguro, que aprendi como uma mulher pode se tornar uma grandiosa guerreira quando o assunto são os filhos, que diante de tantas adversidades, que não foram poucas, criou seus três filhos sozinha, como ela sempre diz: “sendo o pai e a mãe”.

À Prof. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira, minha orientadora, que, com dedicação, afeto, paciência, compromisso, sabedoria e sensibilidade, me ensinou a ser uma pessoa melhor e me deu o a grande oportunidade de estar ao seu lado no Grupo de Pesquisa Epistemologia da Antropologia, Etnologia e Política - GAEP/CNPq, onde compreendi o real valor da docência e pesquisa, com paciência e zelo. Minha gratidão ainda será pouco por tudo que me proporcionou no âmbito acadêmico e na vida.

Uma outra pessoas que marcou e marca minha vida até hoje é a Prof. Dra. Amanda Gomes Pereira, pessoa ímpar que a vida e o meio acadêmico me proporcionou conhecer. Carrego você em meu afeto e trajetória.

Quero agradecer infinitamente a um amigo-irmão que me ajudou quando mais precisei, quando perdi todo meu referencial de vida e existência, que foi meu suporte nesse último ano. Ao meu amigo Erick Ronan, com muito carinho. Também à sua família, que me recebeu de braços abertos em um dos períodos mais difíceis que passei, quando fui diagnosticado com depressão.

Ao meu irmão Rômulo Corrêa Ramos e minha irmã Lara Suellen, saibam que em nenhum momento vocês saíam de meus pensamentos, pois com vocês aprendi muito e de alguma forma me proporcionaram a oportunidade de estar aqui agora. E ao meu padraсто Valmir Bastos, por sempre está ao lado de minha mãe e sendo um grande companheiro para ela, serei eternamente grato por você existir.

Sou grato a todos meus amigos que o movimento punk me possibilitou. Agradeço a Leandro Pezão, Afonso Barbosa (Johnny Nihil), Lanna Xavier, Erivaldo Sousa (Eri), Tahit Torres, Netto HC, Thiago Bruno, aos amigos argentinos Ennano (El Diablito) e Hugo Punk, a Washington Alexandre (Índio), Marcelinho HC, Makiline Peterson, Luís Carlos (Pelezinho) e ao amigo Eduardo Ferraz (Dudu). A gratidão que tenho em relação ao movimento Punk é imensurável, pois foi a partir dele que segui os caminhos que me levaram até aqui, principalmente em relação a me influenciar no hábito da leitura e de desenvolver um espírito contestador.

A todos os amigos da turma 2015.2, do curso de licenciatura em Ciências Humanas/ Sociologia, pela força e paciência, principalmente a Emerson Carlos, Mikael Cardoso, Gizele Santos, Francisco Santos (Tisquinho), Geysa Araújo, Cintia Brito, Francisco Wallison Noah, Regislene Meireles e Diego Júlio Paes, por tudo.

Mesmo por conta da pandemia que ainda nos assola e que não possibilitaram aulas presenciais, quero agradecer imensamente a todos de minha turma 12 do PgCult. Várias

foram as trocas e frustrações passadas em constante dialogo, mesmo que por redes sociais. Aprendi muito com vocês.

Aos amigos Leonardo Satiro Leão, José Ailson Lemos, Elan Cassio (Ksio Mad Butcher), Lucas Nogueira (Lucas Dark) e sua esposa Giulia Bier, Willame Eduardo (Boka), Wellington Marques (Cabeludo), Paula Vieira, a todos e todas do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita/Gitã, a Ricardo Linhares, Vitor Menudo, Matheus de Sousa (Quadrado), Lucas Fontes (Luki Napalm), Raul Sousa, e todos e todas que estiveram comigo em todos os momentos felizes e difíceis.

Eu gostaria de agradecer a todos e todas da família PgCult, todos os professores e professoras. Por fim, eu gostaria de agradecer a todos e todas entrevistadas/os que me disponibilizaram seu tempo, pois sem eles este trabalho não seria possível. Mesmo com todas as adversidades, a construção da pesquisa foi construída com um pouco de cada um interlocutor e seus vivências.

Tenho que agradecer também a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que tornou esta pesquisa possível.

*Dedico este trabalho à todas as
pessoas com as quais relacionei-me e
interagi ao longo de todo ciclo de
observações e vivências em campo.*

*Creio mais no meu corpo do que na
minha alma, Porque o meu corpo
apresenta-se no meio da realidade,
Podendo ser visto por outros, Podendo
tocar em outros, Podendo sentar-se e
estar de pé, Mas a minha alma só pode
ser definida por termos de fora. Existe
para mim — nos momentos em que
julgo que efetivamente existe — Por
um empréstimo da realidade exterior
do Mundo.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a construção de masculinidades em ambientes de prostituição de mulheres, cujas dinâmicas das relações de gênero são perpassadas por lógicas próprias, negociações e padrões de interação. A metodologia aqui empregada foi pautada na pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica, principalmente em torno dos estudos sobre prostituição e gênero. Nesse sentido, a partir de pesquisa etnográfica, com observação participante, realizada em 2 (dois) estabelecimentos de prostituição, na cidade de São Luís, Maranhão, no intuito de demonstrar ainda como identidades de gênero se inserem nas práticas desses espaços onde o exercício da prostituição é realizado, desconstruindo representações tradicionais acerca desses ambientes – na maioria das vezes visto apenas como local fugaz de prazer e entretenimento masculino. Ao nos depararmos com a presença de homens na figura de clientes e de não clientes, tanto quanto as atuações performáticas de gênero, acabamos sendo levados a questionar o mercado da prostituição, seus discursos e práticas, assim como: quais mecanismos são utilizados para a produção dos discursos acerca da masculinidade, evidenciando as representações pautadas na heteromatividade compulsória e para além dela.

Palavras-chave: Relações de gênero. Masculinidades. Performances de gênero. Prostituição.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the building of masculinities in sex-working places where gender issues are surpassed by people's own logics, negotiations and interactions. The methodology was focused on qualitative research and bibliographical review, mainly on studies about prostitution and gender. The study was also done through ethnographic research and participant observation, carried out in two brothels in the city of São Luis, Maranhão and had the objective of demonstrating how gender identities are inserted in the activity of spaces where sex-working is practiced, thus deconstructing traditional representations of these environments - mostly seen as a mere place of brief sexual relief and male entertainment. While facing with men's roles of clients and non-clients as well as gender's performance, we question the prostitution market, its discourses and practices: what mechanisms are used in order to produce discourses related to masculinity, which highlighted representations based on compulsive heteronormativity and beyond.

Palavras-chave: Gender issues. Masculinities. Gender performance. Prostitution.

LISTA DE SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida
APROSMA	Associação das Profissionais do Sexo do Maranhão
GENI	Grupo de Estudos em Gênero, Memória e Identidade
HIV	Vírus Da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONG'S	Organizações Não Governamentais
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ZBM	Zona de Baixo Meretrício

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Divulgação de horários e protocolos sanitários, por conta da pandemia, para o funcionamento da Boate Duplessi. São Luís, julho de 2022. *Instagram*: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: julho de 2022.

Figura 2 Divulgação dos horários e protocolos sanitários, por conta da pandemia, para o funcionamento da Boate Duplessi. São Luís, janeiro de 2022. *Instagram*: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: janeiro de 2022.

Figura 3 Divulgação dos horários e protocolos sanitários, por conta da pandemia, para o funcionamento da Boate Duplessi. São Luís, fevereiro de 2022. *Instagram*: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: fevereiro de 2022.

Figura 4 Divulgação de vagas para mulheres que estejam interessadas em trabalhar na Boate Duplessi. São Luís, dezembro de 2021. *Instagram*: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: dezembro de 2021.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONTEXTO HISTÓRICO DOS ESTUDOS DE PROSTITUIÇÃO NO BRASIL	19
2.1	Estudos de prostituição e a interseção com os estudos de gênero	29
2.2	Os estudos sobre clientes nos espaços de prostituição.....	32
2.3	Sexualidade e gênero para além das identidades sexuais	33
3	ESTUDOS SOBRE MASCULINIDADES NO BRASIL	35
3.1	A construção social da masculinidade a sociedade brasileira	43
3.2	Macho e cliente: a <i>performance</i> como construção dos papéis de gênero normativos.....	43
4	PERCURSO METODOLÓGICO	46
4.1	Questões éticas e metodológicas	56
4.2	Situando o campo	58
4.3	Relações de gênero em um ambiente de prostituição: <i>performances</i> , masculinidades e heteronormatividade	68
4.4	A sexualidade e virilidade do macho: narrativas e práticas.....	71
4.5	Dinâmicas e interações no universo da prostituição	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
	APÊNDICE	86
	APÊNDICE A	87
	APÊNDICE B.....	89
	APÊNDICE C	90

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos as pesquisas e estudos relacionados a prostituição tem passado por inúmeras metamorfoses e enfoques. Essas mudanças se dão por diversos motivos, uma que podemos pontuar inicialmente é vem por uma gama de transformações que as sociedades ocidentais estão passando, em seus arranjos econômicos, políticos e sociais, que acabam refletindo nas abordagens entorno desses estudos, no Brasil e no mundo. Por exemplo, por conta da pandemia da Covid-19 (Sars-CoV-2)¹, diversas pesquisas tentaram e tentam compreender os impactos da mesma nas vidas das profissionais do sexo, tanto quanto na prática da prostituição. Dessa forma, esta pesquisa se insere em uma nova abordagem, que definiremos de forma mais concisa nesse capítulo.

Em primeiro lugar, por levar em conta que a temática da prostituição, ao longo das décadas, tornou-se um campo de pesquisa profícuo nas Ciências Humanas e Sociais, é paradoxal o fato de que entre esses estudos, o interesse sobre as dinâmicas e relações sociais vivenciadas pelos clientes, nesse universo de pesquisa, sejam muito pouco conhecidas. Para compreender melhor esse aspecto, dentre outros, que cercam os espaços atrelados a essa prática – multifacetada e que engloba diferentes esferas da vida social –, é preciso inserir as pesquisas relacionadas a esses espaços com os estudos de gênero e os debates acerca das legislações mundial e nacional que regimentam e regularizam a prática da prostituição. Nesse sentido, os estudos de gênero se tornaram uma ferramenta essencial para pensarmos as relações construídas e compreendidas em diferentes locais – seja a prostituição de rua ou a exercida em estabelecimentos que funcionam no limite entre o *legal* e o *ilegal*².

¹ Segundo a OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) e a OMS (Organização Mundial da Saúde), a Covid-19 é classificada como: “[...] uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas. [...] Em 26 de novembro de 2021, a OMS designou a variante da COVID-19 B.1.1.529 como uma variante de preocupação denominada Ômicron. Essa variante apresenta um grande número de mutações, algumas das quais preocupantes. As outras variantes de preocupação ainda estão em circulação e são: Alfa, Beta, Gama e Delta.” (OPAS/OMS, 2021)

² Com as transformações das dinâmicas sociais das cidades, os limites entre práticas legais e ilegais criam certa opacidade. Quando pensamos a prática da prostituição, esses limites se embaralham, pois a prostituição não é crime no Brasil, mas a cafetinagem sim. Porém, como a pesquisa foi realizada em estabelecimentos de prostituição, será possível perceber esses cruzamentos. Ver: TELLES, Vera da Silva. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Editora Argumentum, 2010.

Em virtude disso, a pesquisa em questão tratará sobre a análise e compreensão em torno das masculinidades *performativas* encenadas por clientes de casas de prostituição situadas em uma cidade de São Luís, estado do Maranhão. O objetivo deste trabalho é destacar como essas casas de prostituição se configuram como locais de disputas e palco para *performances* assentadas em construções históricas, culturais e sociais dos papéis de gênero.

A abordagem da pesquisa será a qualitativa, com metodologia utilizada pautou-se na pesquisa etnográfica. Para tal, foram feitas pesquisas de campo e coleta de dados, com descrições e observação participante. Logo que os campos, por terem lógicas e dinâmicas próprias, se configuram, em alguns momentos, para um pesquisador inexperiente, como algo simplório, com relações naturalizadas pelo olhar desatento, ainda em construção.

Vale ressaltar que o interesse e decisão por essa pesquisa se deu, inicialmente, pelo fato de já na graduação, no trabalho de conclusão de curso, a temática e objeto já terem sido pesquisados, mas em contextos diferentes. Ao contrário do que se propõe aqui — realizar a pesquisa na capital do estado do Maranhão, São Luís —, o trabalho monográfico, produzido em outro momento, ocorreu em uma cidade interiorana do mesmo estado³. Ou seja, desde a graduação, esta temática e objeto não se colocam hoje tão estranhos ou desconhecidos. Mas levando em conta os cenários outros, as condições e dinâmicas dos campos, elas variam muito. Logo, esse trabalho de pesquisa se âncora no desejo por certa continuidade.

Mesmo que esta se estabeleça como uma cidade rota de passagem para outros estados da região Nordeste, assim, possuindo grande fluxo interestadual de pessoas e veículos. Dessa forma, a escolha pelo objeto de pesquisa estava envolta por estes cenários e disposições, mas também pelas questões que envolvem as discussões a respeito das práticas e espaços de prostituição.

Em um período de 1 ano, as incursões ao campo foram realizadas intercalando os dois campos de pesquisa. Os estabelecimentos de prostituição feminina estão localizados no mesmo bairro, mas com certa distância um do outro, facilitando assim as entradas nos campos. Os dois locais são localizados próximos a uma das avenidas mais movimentadas, diurna e noturnamente, da cidade de São Luís, e também conhecida pela prática da

³ Ver: RAMOS, Ramisson Corrêa. O FREGUÊS DA MEIA NOITE: A performance e a construção dos papéis de gênero em casas de prostituição de mulheres em uma cidade interiorana do estado do Maranhão. 2020. 76 f. Monografia (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2020.

prostituição, habitando o imaginário da cidade. Esse imaginário se faz principalmente pela prática da prostituição de travestis e mulheres trans⁴ de rua. Realizada na avenida principal à noite.

Os estabelecimentos possuem certa conexão, pois várias garotas de programa já trabalharam nos dois. Facilitando, assim, a obtenção de dados sobre os dois campos e suas impressões. Também certos clientes já tiveram experiências nos dois estabelecimentos. Esses fatos demonstram a proximidade entre eles.

Sendo um homem cisgênero⁵, enquanto pesquisador, analisando esta posição em campo e considerando pesquisas sobre a temática da prostituição (PASINI, 2005; PEREIRA, 2010; LUNA, 2013) por pesquisadoras mulheres cis, é recorrente os relatos dessas mesmas pesquisadoras em relação ao seu gênero e o campo de pesquisa. Pois, "de um lado, as mulheres/mulheres [...] são vistas pelos informantes como sexualmente disponíveis" (GROSSI, 1992, p. 12). Como na condição já colocada, a relação com o campo se define de maneira distinta.

Visto como cliente em potencial, minha posição no campo se fez forma marcada por distinções em relação a experiências de pesquisadoras cisgênero. Pois, para além de uma posição distintiva em um espaço de prostituição feminina, outro ponto relevante é o informante privilegiado. Ele sendo próximo ao pesquisador, tendo certo vínculo de parentesco com o mesmo. Também sendo uma pessoa que possibilita passagens aéreas para as garotas de programa, por intermédio dos gerentes dos estabelecimentos, em grande parte advindas do estado do Pará. Esse mesmo informante já foi cliente dos estabelecimentos e também teve relações amorosas com uma garota de programa, namorando por quase 1 ano com ela.

Outro fator importante assinalar se trata das dificuldades com o Comitê de Ética de Pesquisa, vinculado à Plataforma Brasil. Houveram inúmeras dificuldades, a primeira foi a questão que envolve o comitê em si, logo que ele é constituído a partir de um quadro que envolve o campo da saúde. A pesquisa em questão é definida pela pesquisa sobre pessoas e não necessariamente com pessoas, como em relação a estudos clínicos. Claro, a pesquisa em questão pode acarretar riscos aos interlocutores, pois, ela está no campo do legal e do ilegal, mas nesse quesito seria necessário um comitê de ética de pesquisa

⁴ *Trans*: é um termo utilizado para designar a disposição do sujeito que a identidade de gênero difere do gênero definido para/ no nascimento.

⁵ *Cis*: é um termo utilizado para designar a disposição do sujeito que a identidade de gênero condiz com o gênero definido para /no nascimento.

voltado apenas para a área das ciências humanas e sociais especificamente, para abranger suas necessidades e complexidades.

A demora para a resposta dos pareceristas também é um fator problemático, pois para iniciarmos as incursões aos campos de pesquisa, necessitamos do parecer positivo do comitê, mas para essa tratativa, é necessário, inicialmente, do aval dos responsáveis dos estabelecimentos para a coleta de dados. Demonstrando, assim, uma certa contradição, logo que, na área das ciências humanas e sociais, a pesquisa de campo já realizada já nesses primeiros contatos com o campo e com seus interlocutores.

A premissa inicial levantada é que as representações sociais de gênero (GOFFMAN, 2008; SCOTT, 2019) perpassam as redes de inter-relações, constituindo-as, produzindo-as e solapando-as por meio de discursos e práticas mediadas por corpos que colocam em questão as correspondências entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejos (BUTLER, 2010). Logo, podemos descrever como esses locais, os ambientes de prostituição e seus inúmeros atores sociais somam para a produção e reprodução de determinados papéis sociais de gênero, em especial, contribuem para o surgimento de narrativas sobre masculinidades.

Assim sendo, este trabalho está organizado em três capítulos: inicialmente, o primeiro capítulo traz uma contextualização a respeito dos estudos sobre prostituição, como ela foi abordada e seus inúmeros enfoques no desdobramento histórico e os arranjos que figuravam e figuram as estruturas sociais que dão alicerce à cada enfoque. Desde os estudos higienistas e sanitaristas, até os estudos atuais que trazem a categoria *gênero* para observar a prática da prostituição sobre o aspecto das relações de gênero que são produzidas e reproduzidas na mesma. Trataremos também nesse capítulo uma primeira abordagem sobre os estudos de gênero e como eles se inserem nos estudos sobre clientes e sexualidade.

Posteriormente, no segundo capítulo é realizada discussões, a partir de referenciais teóricos importantes, para a compreensão da produção e reprodução de discursos e narrativas a respeito das masculinidades, bem como da região nordestina. A categoria gênero e o conceito de *performances de gênero* são esmiuçados sob uma primeira abordagem etnográfica a respeito do campo e os sujeitos da pesquisa, para podermos compreender a performance como construção dos papéis de gênero normativos. Ou seja, da construção das masculinidades entre os clientes e os outros atores sociais que

produzem sentido e códigos dentro das relações empreendidas nas casas de prostituição feminina que foram pesquisados.

Por fim, no terceiro capítulo apresento mais claramente os preâmbulos que me levaram ao campo, tal qual a metodologia e resultados dos dados coletados a partir das fontes. Do mesmo modo, também: situo o campo; descrevo as relações de gênero nos ambientes de prostituição, tanto quanto as performances, masculinidades e heteronormatividade; por último as dinâmicas e interações no mundo da prostituição. Este capítulo é definido pelo diálogo entre teoria e pesquisa empírica, dispensando uma dicotomia entre essas duas formulações, encarando a etnografia como um empreendimento de recombinações teóricas e práticas.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DOS ESTUDOS DE PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

Este capítulo tem como objetivo apresentar os desdobramentos sobre essa prática social complexa, que ao mesmo tempo está envolvida, historicamente, como será demonstrado, por contradições. Contradições essas que perpassam discursos, práticas e contextos ambíguos, mas que passam por um refinamento em relação às pesquisas e estudos sobre essas práticas, que dizem respeito à prostituição.

O exercício da prostituição não é uma prática nascida nas sociedades modernas contemporâneas no Ocidente, mas compreendida como uma atividade milenar – como as mulheres do Templo de Milita⁶, onde tanto as de alta linhagem como as humildes eram obrigadas a cumprir o rito, assim, desde o instante em que cada uma valer-se-iam de seu lugar no templo, as mulheres não podiam mais sair enquanto os clientes não jogasse uma moeda de prata na direção delas, “em nome da deusa Milita”, depois que deitassem com as mulheres nos aposentos do templo, dedicados à isso, de acordo com relatos do historiador grego Heródoto, do século V a.C (MURPHY, 1994). Diante disso, os estudos sobre essa temática foram e são abordados por variados enfoques analíticos em diferentes períodos históricos.

Dentre as inúmeras modalidades e sujeitos da prostituição – prostituição em estabelecimentos, nas ruas e *rendez-vous* (acompanhantes com encontros marcados por redes sociais); prostituição de travestis, de homens e mulheres *cis* e *trans*, e assim por diante –, vale ressaltar, inicialmente, que este trabalho de pesquisa visa analisar e compreender os sujeitos que circulam em estabelecimentos de prostituição feminina cisgênero.

A despeito da variedade de trabalhos desenvolvidos tanto no Brasil, como em outros países, este trabalho dedica-se a análise de relações entre clientes e garotas de programas em circuitos de prostituição que se configuram em rede numa cidade do capital do Maranhão. Este trabalho insere-se em uma trajetória de estudos sobre a temática no Brasil, como destaca a cientista social.

Amanda Gomes Pereira (2010, p.320-321):

⁶ Tal prática, diga-se de passagem, era tida como sagrada ou ritual em relatos históricos sobre as mulheres babilônias do templo de Milita. *Ninlil*, ou Milita, foi uma deusa cultuada no antigo crescente fértil, descrita como a deusa da fertilidade e do amor (BATISTA, 2011)

[...] podem ser divididos em três eixos de análises: os estudos higienistas ou sanitaristas – produzidos por saberes fora das Ciências Sociais –, os estudos dos anos 80 influenciados pela Escola de Chicago e seus conceitos sobre desvio, divergência, estigma, e os estudos atuais que preconizam a descrição das práticas e agenciamento delas por parte das garotas de programa. [...] Sobre os estudos sanitaristas há uma profícua produção sobre eles – significativamente produzida pelos historiadores [...].

Neste sentido, mesmo que os primeiros estudos focalizassem sob contextos moralmente delineados, os estudos sobre o tema foram marcados por um refinamento cada vez maior no decorrer dos anos, buscando compreender a prática por olhares e percepções diversas. Assim, ao demonstrar que a prostituição não é um objeto de análise já esvaziado, mas sim prolífero, destaca-se aqui a importância da lapidação do olhar antropológico na construção da pesquisa – principalmente das relações estabelecidas em campo e do quanto essas se tornam representações de uma trama intrincada e complexa de relações sociais que cercam os embates das identidades de gênero gestadas na estrutura contemporânea da heterossexualidade compulsória, ou heteronormativas (BUTLER, 2010). Desta forma, serão analisados aqui os eixos citados pela autora e os estudos atuais, buscando atualizar os diferentes discursos e narrativas que perfazem a prática da prostituição, bem como as *performances* que cercam esse universo.

A partir de autores e trabalhos que são pontos focais nas pesquisas sobre prostituição, será delineado o histórico da temática, objetos e espaços de análise. “Pois os estudos de prostituição, produzidos até hoje são de fundamental importância para nos atermos aos discursos sobre sexo presentes no cotidiano das pessoas” (PEREIRA, 2010, p. 43). Nesse sentido, essa temática faz aflorar reações distintas em variadas pessoas, uma vez que tangenciá-la é falar sobre uma dimensão central da constituição da subjetividade humana, como destaca Butler (2010), a sexualidade. Diante disso, a proposta é fazer um percurso histórico dos estudos sobre prostituição no Brasil.

No Brasil, os saberes médicos e jurídicos foram os primeiros a pôr em evidência a prostituição no início do século XX. Esses mesmos saberes, por sua vez, instituíram, nos meandros do processo de desenvolvimento urbano-industrial das grandes cidades, esforços, técnicas e políticas arraigadas e atreladas a perspectivas sanitaristas e higienistas nos grandes centros do país. No que se refere ao saber médico, ele almejava “legitimar-se e consolidar-se [...] como uma nova instância do poder na sociedade” (ENGEL, 1989, p. 69). Em vista disso, a historiadora Margareth Rago nos proporciona um panorama a respeito de como esse processo de metamorfose e de disciplina do corpo social, baseados

em perspectivas moralizantes, pelos sanitaristas, se configurava nesse período. Segundo ela, vários *fantasmas* manifestavam-se no imaginário social, são eles:

A ameaça da intranquilidade social, da contaminação física e moral, da destruição da nação, da degeneração da raça: resultados nefastos e sombrios da chegada dos imigrantes. [...] Indícios de uma anormalidade social, as práticas populares de vida e lazer dos trabalhadores fabris, dos improdutivos, dos pobres, das mulheres públicas, das crianças que vagueiam abandonadas nas ruas vão se tornando objeto de profunda preocupação de médicos-higienistas, de autoridades públicas, de setores da burguesia industrial, de filantropos e reformadores sociais, nas décadas iniciais do século XX. [...] Percebidos como selvagens, ignorantes, incivilizados, rudes, feios e grevistas, sobre os trabalhadores urbanos que impõem a classe operária em formação nos inícios da industrialização no Brasil constitui-se paulatinamente uma *vasta empresa de moralização*. (1997, p. 11-12, grifo da autora)

Várias tecnologias sociais e discursos que envolviam um tipo de controle e de “limpeza” dos grandes centros urbanos em desenvolvimento geraram estratégias de repressões contra esses atores sociais indesejados e a tentativa de exclusão deles do tecido social.

Isto é, como ressalta Michel Foucault (2018, p. 152, grifo do autor):

[...] o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como *instituições* de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos anátomo de biopolítica, inventados no século XVIII como *técnicas* de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas.

Como o autor destaca, na questão da família, da escola, da medicina individual ou da administração das coletividades, dispositivos de poder surgem com o objetivo de exercer o controle sobre os corpos (FOUCAULT, 2018). Portanto, o círculo médico francês se tonou uma das principais influências nas tendências sanitaristas e policiais no Brasil neste período, em que sexo e a sexualidade não ficam de fora dessa tentativa de disciplina e controle, muito menos a prática da prostituição. Assim, remetendo a Candido Motta, secretário de polícia em São Paulo, no ano de 1897, e sua energética afirmação, Rago (1997, p. 11-12, grifo da autora) narra:

Assim como a masturbação, a prostituição é classificada pelo saber médico e criminológico como “vício”, “fermento corrosivo lançado no grêmio social”, que tende a alastrar-se e a corromper todo o corpo social. “A tendência natural do vício é de alastrar-se n’um *crescendo* que tudo levará de vencida, se não se lhe opuser uma barreira, que contenha ímpeto” [...]

Ao passo que se tentava compreender as trabalhadoras sexuais e a prostituição, figuras eram edificadas: a mulher honrada, a esposa devotada, a mãe e a dona-de-casa. “Neste contexto, o discurso é de que a prostituição apresenta uma clara funcionalidade: assegurar a honra das “mulheres de família” diante da incontrolável pulsão sexual masculina. A prostituta, então, era o corpo em que se extravasava esses impulsos, ao mesmo tempo que garantia a ordem social” (DIAS, 2013, p. 21). De forma paradoxal, a preocupação central era na manutenção da ordem social e moral que se tentava custosamente estabelecer como modelo que poderiam ser facilmente ruídos pela prática da prostituição, símbolo de rompimento com esses valores. Enfim,

Enquanto a urbanização e o crescimento socioeconômico da cidade embaralhavam as tradicionais demarcações entre atividades masculinas e femininas e a entrada em cena das mulheres de várias classes sociais nas fábrica, escritórios, escolas, comércio ou nos serviços de infra-estrutura urbana ameaçava subverter os códigos cristalizados de sociabilidade e de participação na vida social, a figura da prostituta emergia como um poderoso *fantasma* no imaginário social. Contra ela, levantaram-se as vozes competentes dos homens cultos. Advertindo contra os perigos de contaminação física e moral que representavam para o equilíbrio da sociedade; das feministas, preocupadas em conquistar o direito de ingresso na esfera pública, sem a identificação com a licenciosidade das “mulheres alegres”; das famílias “respeitáveis”, reivindicando maior controle e censura da moralidade pública. (RAGO, 2008, p. 42, grifo da autora)

Nos anos 20, do século XX, de combate e controle da prostituição, o discurso da prática enquanto “um mal necessário” começa a ser ecoado neste período em diante. Apesar dos aspectos ainda higienistas e sanitaristas, as abordagens médicas foram modificando-se a despeito da prostituição. “No entanto, apesar do discurso liberal, vale lembrar que é em nome da moralização das condutas, da repressão dos instintos e do controle das pulsões que eles batalhavam” (RAGO, 1997, p. 95). Essa visão de “um mal necessário” até décadas mais tarde desempenha um elemento central para o confinamento da prostituição em estabelecimentos fixos e localizados em áreas específicas das cidades, pois conforme Pereira (2014, p. 223, grifo da autora):

A adoção desse modelo pelo Brasil é extremamente paradoxal visto que, no país, o exercício da prostituição na rua, de todas as modalidades, é a que elas agenciam de modo mais livre, sem “exploradores diretos”, como os donos de casas de “shows”. Ironicamente, é a prática mais combatida. Diversas cidades brasileiras, na década de 40 sobretudo, foram alvos de legislações que, por medida sanitaria, retiravam as prostitutas das ruas centrais da cidade, obrigando-as a se destinarem a prostituição praticada em cabarés, casas de shows, *boîtes*.

Essa ambiguidade que cerca esse universo faz com que a prática seja vista como “mal necessário”, e ora como uma prática a ser confinada – interpretação da prostituição como mantenedora da estabilidade familiar (MAZARIOL, 1976). Neste contexto, os órgãos legisladores, a polícia e outras instâncias, sejam elas do Estado ou no âmbito civil, dão prosseguimento em uma espécie de *cruzada moral*⁷ à prostituição de rua, impelindo as garotas de programa ao confinamento em bares e bordéis em áreas e regiões das cidades que ficariam definidas espacialmente como próprias para essa prática. Nesses locais, havia fluxos de clientes a procura das garotas e casas de prostituição, com argumentos de reorganizar os espaços destinados a família e os destinados a essa prática, pois, como exemplificado no caso de Campinas - São Paulo, analisado por Mazzariol (1976), o processo de formação de espaços fora do perímetro urbano foi chamado de “Operação limpeza”, e teve início nos anos 60.

A presença da prostituição espalhada pela cidade convivendo no mesmo espaço físico vital de “família” proporcionava uma mistura desordenada entre as duas categorias sociais distintas, isto é, uma situação de ambiguidade; principalmente pelo fato de que homens, em busca de “programas”, perturbavam a tranquilidade de “senhoritas” de “família” por confundi-las com “putas”. (MAZZARIOL, 1976, p. 11)

Dessa forma, os estudos influenciados pela Escola de Chicago⁸ tomam tons mais consistentes no meio acadêmico brasileiro. Durante a primeira metade dos anos 70 passando pelos anos 80, os estudos sobre prostituição foram sendo analisados a partir desta escola de pensamento das Ciências Sociais, que também pode ser compreendida como *interacionista*⁹. Dentre os pesquisadores desta escola, estão nomes como Howard

⁷ A partir de Howard Becker, ele define esses indivíduos ou grupos como um reformador cruzado: “O protótipo do criador de regras [desse tipo] é o reformador cruzado. Ele está interessado no conteúdo das regras. As existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente. Ele julga que se façam regras para corrigi-lo. Opera com uma ética absoluta; o que vê é total e verdadeiramente mal sem nenhuma qualificação. Qualquer meio é válido para extirpá-lo. O cruzado é fervoroso e probo, muitas vezes hipócrita. [...] É apropriado pensar em reformadores com cruzados porque eles acreditam tipicamente que sua missão é sagrada. O defensor da Lei Seca proporciona um exemplo, assim como a pessoa que quer eliminar o vício e a delinquência sexual, ou aquele que quer extirpar o jogo” (BECKER, 2008, p.153).

⁸ A escola de Chicago foi criada em 1895, com uma grande doação do milionário americano John d. Rockefeller. Apesar de que hoje essa instituição ser sinônimo de um local de formação de economistas liberais, essa mesma universidade foi e é uma das maiores sobre o pensamento sociológico mundialmente, sendo o nascedouro da sociologia americana. Passaram por esta instituição pesquisadores, como por exemplo: Robert E. Park, William Foote Whyte, Howard Becker e Erving Goffman; tendo como principal foco o estudo das cidades e seus fenômenos, pois os Estados Unidos da América estava passando por inúmeras mudanças que denotavam análises específicas, como: a fome, imigração e condutas criminosas/desviantes.

⁹ Conforme Becker, sobre a Escola de Chicago: “[...] para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum – exemplificando com um tema antropológico,

Becker¹⁰ e Erving Goffman¹¹. Suas análises estavam entre as mais utilizadas e significativas durante esta época, munidas de um arcabouço teórico e conceitos como *desvio*, *divergência*, *estigma* e *carreira moral*, e que influenciaram os pesquisadores com interesse em realizar suas pesquisas de campo na cidade. Diversos foram os trabalhos produzidos no Brasil neste período¹². São autores introduzidos no Brasil primeiramente pelo antropólogo carioca Gilberto Velho (1945-2012), cujo contato com essa escola de pensamento ocorreu quando realizou estudos em antropologia urbana no Texas, Estados Unidos. Em alguns momentos, essa abordagem pode estar presente neste trabalho, pois alguns desses conceitos nos ajudam a compreender a prostituição no caso analisado.

O paradoxo entre o sistema legal brasileiro e práticas vivenciadas pela população no cotidiano já foi amplamente discutido pelos cientistas sociais brasileiros. São essas contradições que propiciaram a influência da Escola de Chicago na produção acadêmica sobre prostituição na década de 80. A partir dos estudos sobre desvio, divergência e estigma, os estudiosos caudatários dessa escola demonstraram que determinada prática, como a prostituição, depende de vários fatores para ser vista como “*desviante*”. (PEREIRA, 2010, p. 48, grifo da autora)

Durante os anos de 1980, outras abordagens também foram sendo apresentadas em relação aos estudos sobre prostituição. “Esse tema é convencionalmente abordado de duas maneiras: como objeto de estudo em si mesmo – com atores, relações e agenciamentos – e/ou como contexto para estudos sobre o que se convencionou chamar de “comportamento desviante” (FREITAS, 1985, p. 9), como mencionamos aqui

para constituir uma família, para criar um sistema de parentesco. Disso decorre que um sistema de parentesco é formado pelas ações de pessoas que fazem as coisas que se supõe que parentes devam fazer, e que, enquanto o fizerem, teremos um sistema de parentesco. Quando não o fizerem mais, o sistema de parentesco se torna outra coisa. Portanto, o que nos interessava eram os modos de interação, especialmente as interações repetitivas das pessoas, modos estes que permanecem os mesmos dias após dia, semana após semana. Às vezes, esses modos de agir se alteram substancialmente, devido a uma revolução ou desastre natural, mas, outras vezes, a mudança se dá muito lentamente, à medida que as circunstâncias se modificam.” (BECKER, 1996, p. 183)

¹⁰ BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

¹¹ GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

¹² Um exemplo importante no estudo sobre prostituição nesse período é: GASPARG, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. Uma outra abordagem influenciada pelos estudos sobre o desvio é o texto da pesquisadora Maria Julia Goldwasser: “*Cria Fama e Deita-se na Cama*”: Um Estudo de Estigmatização numa Instituição Total. In. *Desvio e Divergência: uma crítica a patologia social* / organizador Gilberto Velho. – 5.^a ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985, p. 29-51.

anteriormente sobre esse último caso. Mas eles também podiam vir incorporados em conjunto em pesquisas nesse período, como no caso de Freitas (1985, p. 10).

Neste estudo, o tema da prostituição [...] [foi] tratado sob um enfoque diferente dos que foram aqui apresentados, muito embora ele incorpore, por um lado, contribuições de estudos que tratam a prostituição como atividade prática e, por outro, a contribuição da perspectiva interacionista sobre o comportamento desviante.

Nosso propósito original era abordar este tema como objeto de estudo em si mesmo, não como problema social, cabe explicitar, mas como uma atividade prática na qual se pudesse detectar padrões de interação que nos permitissem revelar a realidade empírica do mundo da prostituição. Tal abordagem, todavia, nos levou a identificar duas ordens “morais” (o mundo da prostituição e o mundo “normal”) em interação, negociando uma infinidade de coisas: rotinas, identidades, hierarquias, sistemas de estratificação, regras de convívio, etc. isto fez com que o tema da prostituição passasse a ser tratado como pretexto e contexto para a abordagem da questão da negociação da ordem, ou seja, da questão referente ao papel de negociações na construção de uma ordem social.

O estudo desenvolvido por Freitas (1985) demonstra as variações de enfoque sobre a prostituição e a versatilidade nas pesquisas produzidas até então. O ego de análise é a relação entre clientes e prostitutas, a prostituta e o mundo da prostituição, prostitutas e policiais e prostitutas e os “outros. Vale ressaltar as relações entre o legal e o ilegal, pois os atores que representam cada uma dessas camadas cotidianamente acabam negociando relações que se mostram harmônicas, seja entre as garotas e a polícia ou entre as cafetinas e a polícia, dentro de um mesmo arranjo determinado nessas mesmas negociações da ordem. No caso da prostituição exercida na rua e combatida pelas forças da polícia, é importante perceber:

[...] que se criam inúmeros mecanismos de intimidação e controle que perduram até hoje, dos quais o mais bizarro talvez seja o fato de que, num país que sabiamente não consegue oferecer emprego para toda população em idade de trabalhar, um indivíduo possa ser detido sob a acusação de vadiagem por não portar carteira de trabalho assinada. Em outras palavras: em vez de combater o desemprego, o Estado combate o desempregado. (OLIVEN, 1989, p. 14)

Outro ponto importante no tocante sobre os estudos de prostituição é de que eles costumam fixar-se aos locais onde as práticas acontecem e não é à toa, já que “de uma forma ou de outra, se os estudos de prostituição se atêm ao local em que a prática ocorre é porque nos centros urbanos brasileiros a prática é demarcada e delimitada espacialmente” (PEREIRA, 2014, p. 323).

Desta maneira, de acordo com Pereira:

Há um confinamento da prática a determinados locais até os dias atuais que reproduz o discurso sanitista de que tal prática é suja e contamina as relações sociais das outras pessoas tidas como “comuns”. Desse modo, uma das primeiras definições dos trabalhos sobre prostituição no Brasil – na maioria das vezes demarcado no próprio título dos trabalhos –, é onde o trabalho de campo e/ ou estudo da prática o corre. Nesses trabalhos, as regiões estudadas se caracterizam como desde muitos anos ligadas a essa prática, interligando em suas histórias suas transformações e as mudanças pelas quais passou a prática dessa profissão nesses locais. (PEREIRA. 2014, p. 223)

A delimitação espacial não é vista apenas no exercício da prostituição feminina – mulheres trans incluídas nesse espectro –, mas podemos observar nos grandes centros do Brasil um zoneamento das atividades praticadas por mulheres pelas definidas como prostituição masculina. Essa delimitação dos espaços é instituída ou pela modalidade da prostituição ou pelos agentes que constituem os âmbitos do Estado e da sociedade civil.

Esses estudos também abriram caminho e são marcos para a percepção de elementos que transpõem as análises simplesmente atreladas a algo fixo, pois neles pode-se caracterizar pelas histórias de vida – mesmo que não totalmente demarcadas – e informações como no que se refere as relações construídas e desempenhadas pelo dinheiro no exercício da prostituição.

Numa sociedade profundamente desigual como a brasileira, em que há inúmeras desigualdades de gênero quanto ao acesso a postos de trabalho, bem como aos valores pagos pelo mesmo serviço, a prostituição pode representar uma das poucas opções de se obter dinheiro de maneira imediata, utilizada para o auxílio em momentos difíceis, como no caso do adoecimento de familiares ou na falta de recursos para o pagamento de contas. (PEREIRA, 2010, p. 45)

A partir dos anos 90, os estudos sobre a prostituição vão criando tonalidades e se debruçando sobre outros aspectos da prática e da vida das profissionais do sexo, “a politização das profissionais do sexo e o estímulo à organização visando a regulamentação profissional, bem como melhores condições de trabalho” (PEREIRA, 2010, p. 51) foram sendo compreendidos. Vale ressaltar que:

Os estudos recentes sobre prostituição dialogam com alguns aspectos da produção bibliográfica anterior, todavia, há uma maior centralidade nas ações das mulheres que trabalham nessa profissão. O cotidiano dos profissionais do sexo é narrado para além das ações diretamente ligadas a prática da prostituição. (PEREIRA, 2014, p. 330)

Mais adiante a autora prossegue: “outro elemento comum aos estudos sobre prostituição é a forma como as garotas narram as diferenças que estabelecem entre suas

relações com os clientes e com os não clientes. (PEREIRA, 2014, p. 330) há inúmeras noções, valores e elementos que são percebidos a partir das suas entrevistas em campo, como por exemplo: o afeto, o uso de preservativo e a proteção, elementos que criam distinções e hierarquias entre clientes e namorados/das.

Elisiane Pasini (2005), dentre os nomes recentes, tornou-se uma pesquisadora referência em sua abordagem sobre os estudos a propósito da prostituição, munida de dados etnográficos e análises que perpassam as pesquisas produzidas até então, coloca em vista o enfoque sobre as relações de gênero na compreensão sobre a prática da prostituição e os agentes que constituem as interações e relações que essa profissão dimensiona. Apesar de a teoria de gênero ser inserida em outros estudos anteriormente – como no caso sobre os estudos sobre família etc.¹³ –, é com a autora que percebemos um aprofundamento e um delineamento sobre essa abordagem a respeito dos estudos sobre a prostituição. A categoria gênero é entendida, em seus estudos, como uma categoria relacional. Assim, os agentes que produzem sentido a partir da prostituição são colocados a luz nessa análise, não só apenas a garota de programa e sua prática. A autora enfoca os elementos que configuram as relações de gênero entre os sujeitos sociais, mais especificamente, refletindo sobre o que ela define como fronteiras do gênero: a flexibilidade e a fluidez que apontam e determinam as masculinidades e as feminilidades estabelecidas no caso estudado, sendo a Vila Mimosa o recorte analisado (PASINI, 2005).

Estudos influenciados pelas análises sobre as relações de gênero, como no que foi citado anteriormente, acabaram por abrir um leque de possibilidades na compreensão das relações interpessoais que são construídas dentro e fora do ambiente de prostituição, trazendo aspectos sobre as questões que envolvem afetividade, sexo e dinheiro entre as garotas de programa e seus namorados/ as, cônjuges e com os clientes, revelando âmbitos que não eram enfocados em estudos anteriores (Cf. Pereira, 2010).

Outro estudo importante produzido atualmente é o desenvolvido pelo pesquisador José Miguel Nieto Olivar (2013), e suas análises das histórias de vida de quatro militantes da Rede Brasileira de Prostituição em Porto Alegre. Ao utilizar de metáforas como *predação e canibalismo*, presentes nos estudos antropológicos e etnografias indígenas, o autor tenta compreender as rotinas dessas mulheres. A amostragem dessa pesquisa abarca mulheres que possuem idades entre os 45 a 50 anos, que dividem seu tempo entre a prática

¹³Ver FONSECA (2004), Família Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2 ed., Porto Alegre, editora da UFRGS.

da prostituição e suas militâncias pela causa. Olivar (2013), dessa forma, nos ajuda a perceber nuances que extrapolam apenas o exercício da venda do sexo.

Sandra Maria Nascimento Sousa (2009), no contexto sobre os estudos de gênero no estado do Maranhão, não só por sua contribuição sobre os estudos prostituição, mas sobre a inserção da categoria gênero nas pesquisas nessa região, que recai certa invisibilidade, sua contribuição foi tanta que definiu, com o GENI - Grupo de Estudos em Gênero, Memória e Identidade¹⁴, as nuances sobre as futuras pesquisas que se apropriaram dessa *categoria útil* a análise, não só histórica, mas situacional e dentro de vários outros âmbitos da experiência humana. Mas como este trabalho se remete aos estudos sobre prostituição, uma pesquisa importante acerca de tal temática e seu enfoque sobre gênero e sexualidade, a autora produziu uma pesquisa importante sobre uma área histórica de prostituição na capital do estado do Maranhão, São Luís. Esta pesquisa, que envolveram mulheres que vivenciaram a prática da prostituição na ZBM - Zona de Baixo Meretrício, deste mesmo município, entre os anos de 1950, 1960 e 1970, narrou as histórias dessas mesmas mulheres, enquanto narrativas históricas, mas atravessadas sobre as relações de gênero.

Não obstante, já no que se refere os estudos sobre prostituição no estado do Maranhão, destacasse a pesquisa realiza pela historiadora Tatiana Raquel Reis Silva (2015). Ela traz uma abordagem a partir da interseccionalidade entre raça e gênero, para compreender o fenômeno da prostituição, tanto quanto vulnerabilidades nas áreas centrais de São Luís. Sob o mesmo ponto de vista, as áreas centrais, especificamente, o centro histórico, de São Luís é um local repleto de mistérios e narrativas imagéticas que circulam a décadas, até mesmo séculos, dentro do imaginário da população ludovicense, entre memórias individuais e coletivas (REIS, 2015; HALBWACHS, 1990). Mas há algo também histórico nas áreas centrais da cidade, que é a prática da prostituição. Nesse sentido, “numa sociedade impregnada por códigos e valores que limitam comportamentos, principalmente no campo da sexualidade, a prostituição é uma prática marginalizada” (REIS, 2006, p. 6) assim como os espaços onde essas práticas circulam. Por fim, com a disseminação do que seria a pandemia do vírus da Covid-19 (Sars-CoV-2), e que até este momento possui 31,3 milhões de casos e 667 mil mortes, só no Brasil

¹⁴ Criado em 2015, pela Profa Dra Sandra Nascimento, com o intuito de promover a integração de professores, alunos e pesquisadores que se interessam pelo estudo de gênero Gênero, sexualidade e educação; Estudo de mulheres, gênero, trabalho; Gênero e sexualidade; Memória e identidade; Teorias de gênero, educação e cinema. Mesmo com o falecimento de sua criadora e coordenadora, em 2021, o grupo de estudos ainda continua prolífero e atuante.

(Universidade Johns Hopkins, 2022), pesquisas importantes sobre vulnerabilidade e a prostituição neste contexto foram sendo desenvolvidas, uma delas foi a produzida pela pesquisadora Fernanda Priscilla Alves da Silva e pelo pesquisador João Soares Pena (2021). Indo dos contextos mais globais, e chegando ao domínio que se remete ao Brasil, o trabalho em questão traz relatos de cinco trabalhadoras sexuais do Norte e Nordeste do país, essas mesmas mulheres constituem-se enquanto integrantes de grupos e Ong's que trabalham sobre a luta das trabalhadoras sexuais. Essa mesma luta que girava em torno da visibilidade da prática enquanto profissão, nesse contexto de pandemia, a luta narrada demonstrou outro elemento de enfoque. Ou seja, o enfrentamento da pandemia no contexto da prostituição. Essas mesmas entrevistas feitas nos anos de 2020, em pelo surto pandêmico, onde não se sabiam, de forma concreta, os mecanismos e formas de controle da mesma. Outro componente importante elencado por esta pesquisa, a partir de relatos dessas trabalhadoras sexuais, é a falta de contribuições do poder público para as pessoas que trabalham de maneira autônoma ou informal, uma realidade vivenciada principalmente por conta da forma invisibilizada e marginalidade que a profissão ainda é colocada.

2.1 Estudos de prostituição e a interseção com os estudos de gênero

Os estudos de prostituição produzidos a partir dos anos 90 demonstraram um desenvolvimento consistente em suas perspectivas analíticas, modificando compreensões anteriores sobre o tema, dimensionando outros aspectos da vida a partir da categoria de gênero. Pois, “desde os estudos “foucaultianos” é impossível negar o caráter construcionista das relações sociais e, principalmente, das relações de gênero. Os diversos valores que circulam nas relações humanas não são naturais e nem possuem uma essência, mas se definem historicamente em diferentes contextos sociais e históricos” (PEREIRA, 2010, p. 38). A respeito da sexualidade, “esse corpo com dois sexos e dois gêneros pode ser entendido como uma construção a partir da qual podemos questionar o seu caráter universal e a-histórico, não contextual” (PASINI, 2005, p. 152). Assim, as noções sobre sexualidade são multifacetadas dentro de uma mesma cultura quando inserimos variáveis de análise como classe social, gênero, raça etc (PEREIRA, 2010, p. 38).

A categoria gênero foi introduzida buscando tanto um aprofundamento teórico-metodológico de temas e objetos sobre a história e as relações entre homens e mulheres – que até então era narrada dentro da história magistralmente

masculina dos grandes eventos –, quanto para indicar o caráter social das relações de gênero, até então essencialmente atreladas à biologia. Desse modo, a troca do termo “mulher” por “gênero” demonstra a intenção de minimizar o termo político para o uso de uma categoria analítica e conceitual, ao demarcar o caráter socialmente construído das relações entre homem e mulher, desvinculando as análises de termos biológicos. O surgimento da categoria permitiu o refinamento metodológico, capaz de evidenciar novas formas de existência para além do binário homem/ mulher. (PEREIRA, 2014, p. 316-317).

Dessa forma, os estudos sobre a prática da prostituição produzidos até então colocam em vista compreensões acerca dos papéis construídos socialmente e debatem sobre os agenciamentos por parte dos agentes que desempenham a interação e relações avindas dessa atividade. Assim, são pesquisas que desprendem dos processos de invisibilização dos sujeitos, atores importantes no desenvolvimento das relações de gênero, visibilizando essas vozes, sujeitos e subjetividades excluídas nas análises anteriores sobre tal prática, todos tendo posições importantes para a percepção dessas relações desempenhadas socialmente. Pereira (2014) contribui para esse entendimento quando diz:

Por acreditar nesse esforço como válido e fundamental para a compreensão da forma como diferentes pessoas, em diferentes contextos, agenciam sua sexualidade, usam de seus corpos, seduzem, constroem suas fantasias e seus desejos, praticam sexo e estabelecem relações conjugais, que acredito ser necessária a realização de pesquisas sobre o universo da prostituição. Se a escolha do objeto parece óbvia, as relações que essas pessoas estabelecem não são (PEREIRA, 2014, p. 318).

No universo da prostituição, “a mesma prática, o ato sexual, cria vínculos diferentes entre garotas de programa e clientes, entre garotas de programas e seus respectivos namorados/ as, cônjuges. O lucro que se obtém a partir dela também não é o mesmo e, dentro de um ambiente de prostituição, se constitui uma economia da sedução em que as principais moedas de troca são sexo, afeto e dinheiro” (PEREIRA, 2010, p. 42). Em outras palavras, a prática da prostituição é um exercício tomado de complexidade que um olhar de senso comum não pode constituir um panorama completo ou abrangente para abarcar todo esse jogo, pois,

No seu uso mais recente, “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se nas mulheres de forma muito estreita e

isolada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo essa opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão poderia existir por meio de um estudo inteiramente separado. (SCOTT, 2019, p. 50).

Influenciadas por esses estudos mais recentes, a produção brasileira de pesquisas sobre o tema, seja nas Ciências Sociais ou por historiadoras, possui um papel decisivo nessa nova abordagem. “Nos estudos de sexualidade, um forte pressuposto é de que o prazer está intimamente ligado à história de vida das pessoas como um todo e que, em diversos casos, representa um meio de aquisição de poder. Por isso, acredito ser extremamente válido narrar a forma como os sujeitos atuam para consegui-lo e como descrevem as diversas formas de obtenção dele em suas vidas” (PEREIRA, 2010, p. 42).

Com isso, gênero não se debruça sobre uma análise sobre o caráter dos corpos e heterossexualidade compulsória e, por isso presumida, mas sim, colocada em vista como uma categoria de diferenciação, essa diferença se constitui no imaginário dos prazeres e desejos e, assim,

[...] remete-se a diferenças que estão nas ações, eventos, relações, objetos, assumindo, características específicas conforme o contexto. Dito de outra forma, gênero classifica – estrutura – o pensamento humano em masculino e feminino e, portanto, não está fixo na relação corpo biológico-sexo-gênero (PASINI, 2005, p. 151-152).

No universo da prostituição, “há diferentes feminilidades e masculinidades, e cada um deles é agenciado segundo a situação e o contexto históricos e sociais específicos” (Ibidem, p. 153). Dessa forma, é interessante perceber essas diferenciações sexuais também, pois:

Não podemos fazer isso sem dar certa atenção aos sistemas de significados, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero e o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido, não há experiência; e sem processo de significação, não há sentido. (SCOTT, 2019, p. 61).

Vale ressaltar também que junto com os estudos atuais vieram também um maior refinamento sobre a categoria gênero e sua abordagem atrelada aos diversos campos da vida social. O caráter político desse conceito abriu espaço para um novo dimensionamento.

2.2 Os estudos sobre clientes nos espaços de prostituição

No âmbito das pesquisas realizadas sobre a prostituição, são vastos os estudos sobre o cliente nesse universo. Entretanto, dentre a bibliografia das Ciências Sociais brasileira sobre prostituição feminina, são escassas “as análises que contemplam os homens, consumidores de relações sexuais oferecidas no exercício da prostituição. O pouco que aparece do assunto, até o presente momento, serve para fornecer dados sobre as prostitutas, já que elas eram o foco das pesquisas. Neste sentido, os clientes possuem pouca visibilidade” (PASINI, 2005, p. 17). As suas características em cada estudo são pinceladas e os clientes são percebidos a partir de dados que ajudam a exprimir e compreender a prostituta, que nesse caso seria o ego das pesquisas.

Essas abordagens foram influenciadas pela dinâmica do campo ou pelas percepções *a priori* da prática, mas uma coisa é nítida nisso, que é a ausência de uma categorização específica sobre o conceito de cliente nessas pesquisas. Elisiane Pasini no estudo sobre clientes e garotas de programa na região da Vila Mimosa nos ajuda a pensarmos esse déficit nas análises anteriores quando coloca:

Nas primeiras incursões ao campo de estudo, percebi que o fato de estar em um local no qual a prostituição acontecia, não significava que todos os homens que o frequentam fossem, de fato, clientes. Nas conversas e nas observações ficou nítido que, nesse contexto de prostituição, havia outras motivações para os homens estarem ali além da mera busca por sexo. Alguns desses homens estavam naquele local para conversar, beber, olhar as mulheres, enquanto outros mantinham algum tipo de trabalho: donos ou gerentes de estabelecimentos, taxistas, vendedores, entre outros. (PASINI, 2005, p. 18).

Nesse sentido, é necessário refletir sobre a categoria de clientes. “As pesquisas etnográficas realizadas sugeriram que, apesar dos clientes e dos não clientes serem constantes nas práticas e nas representações das prostitutas estudadas, se conhecia e pouco se sabia deles através de outras bibliografias” (PASINI, 2005, p. 16). Logo, se esses mesmos atores sociais acabam possuindo um papel secundário ou complementar nas abordagens, como a autora comenta, há uma necessidade de abranger mais o olhar sobre os mesmos. Eles auxiliam em um melhor dimensionamento sobre as relações de gênero e de como esses mesmos espaços, enquanto um recorte de espaços de produção e reprodução de inter-relações sociais e relações de poder.

Pois, acima de tudo, como proposto nesta pesquisa, o enfoque sobre as relações de gênero é justamente basilar para tal empreendimento, compreendendo-se que o gênero é

uma categoria relacional e possibilita percepções mais abrangentes. Como veremos nas próximas sessões.

2.3 Sexualidade e gênero para além das identidades sexuais

Vários estudos iniciais nas Ciências Sociais se debruçaram nas análises sobre as perspectivas sobre a dicotomia: natural/biológico e cultural/social na compreensão do comportamento e interações humanos – outrora colocadas como padrões fixos em todas as culturas e povos. Desde os precursores dessas disciplinas, os entendimentos sobre os processos sociais foram frutos de reflexões acerca de outras culturas e povos tidos como primitivos para se perceber como são construídas as interações, comportamentos e sistemas de sentido que antes eram essencializados pelo caráter evolucionista e biologizante. Os papéis dos homens e das mulheres na sociedade não ficaram de fora de tais compreensões.

Desta maneira, cabe pontuar aqui neste trabalho a importância de refletir e debater a respeito das análises sobre a categoria de gênero, pois a partir dela as análises sobre as concepções do papel dos homens e mulheres em sociedade se tornaram bastante frutíferas e presentes nas abordagens. A propósito das relações estabelecidas e suas dinâmicas, principalmente no que tange a subordinação de um gênero sobre o outro, os estudos de gênero possibilitaram ampliar nossas análises sobre a temática. Diante disso, discutindo esta categoria podemos verificar como são versadas as construções sociais que ultrapassam o próprio sexo, ajudando assim a apreender essas representações que são dadas comumente como fixas em nossa sociedade.

As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas dessas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino; outras reconheceram uma “questão feminina”; outras ainda preocuparam-se com a formação da *identidade sexual subjetiva*, mas o gênero como o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos não tinha aparecido. (SCOTT, 2019, p. 65, grifo nosso).

Como a autora pontua, pensar as relações sociais pautadas sobre o gênero eram colocadas em segundo plano, quando eram colocadas no campo do discurso. Pois, seu sentido político não se situava como proposta significava no âmbito das relações hegemônicas e de poder. Dessa maneira, podemos perceber o contexto onde se

localizavam os debates teóricos, principalmente os localizados em certas dicotomias entre masculino/feminino, ou macho/fêmea.

Como foi pontuado anteriormente, a respeito da compreensão da sexualidade, ela se mostra de várias formas quando dentro de uma mesma cultura observamos a partir de variáveis de análise como classe social, gênero, raça, etnias, etc., e também percebemos características diversas se conferirmos culturas distintas. Bem como, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos.

O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força superior a elas. Essa categoria é uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideais sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Esse uso do gênero só se refere aos domínios – tanto estruturais quanto ideológicos – que implicam em relações entre os sexos (SCOTT, 1990, p. 7).

Concomitantemente, a análise sobre tal categoria se faz necessário para auxiliar na compreensão da pesquisa proposta, no trabalho em questão, logo, se mostra essencial para refletir sobre as relações, representações e construções sociais em uma casa de prostituição feminina, a partir das relações de poder que são assumidas pelos atores nas interações estabelecidas nestes ambientes. Pois, como coloca Foucault (2015, p. 8) a respeito do local reservado ao sexo, ou seja, na casa, especificamente no quarto dos pais, “ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções. Ou seja, o que propomos é descortinar e evidenciar os corpos e discursos que outrora se tornaram invisibilizados e inviabilizados.

3 ESTUDOS SOBRE MASCULINIDADES NO BRASIL

É notório a influência dos primeiros estudos feministas, a partir dos movimentos feministas, principalmente os estadunidenses, desde os anos de 1970, no que concerne a compreensão e primeiros pontos de análise sobre as masculinidades. Mesmo que vendo esse gênero como sendo as causas em si como opressores e causadores da “condição feminina” e postos, em algum sentido, em segundo plano. No Brasil, não foi diferente, mas foi em situação tardia.

A partir dos anos 1990, no Brasil, os primeiros estudos foram sendo maturados e vários enfoques foram abrochando. Como referência, os Cadernos Pagu – revista interdisciplinar quadrimestral, vinculado ao Núcleo de Estudos de Gênero, da UNICAMP, com enfoque nas relações de gênero, com sua primeira publicação no ano de 1993 – foram muito importantes nesse sentido, pois as publicações com valor mais refinado ao contexto dos estudos sobre masculinidades.

Mas um primeiro estudo sobre tal temática, trazendo vários ângulos que já vinham sendo abordados no ocidente, foi ‘Os discursos sobre a masculinidade’, de Pedro Paulo de Oliveira (1998), na Revista Estudos Feministas, da UFSC. Nessa pesquisa biográfica sobre as diversas abordagens no ocidente sobre a ótica dos estudos sobre as masculinidades, o autor elenca as abordagens vitimárias dos homens, a psicologização, a relação do capitalismo e os papéis de gênero e os discursos críticos sobre as abordagens anteriores.

Na abordagem vitimária, o autor pontua que nesse enfoque, como já aparente, o homem seria vítima de fatores e estruturas sociais e psicológicas, algo como uma ‘condição masculina’. Ou seja, as pressões e aflições na significação de ser homem. Já às perspectivas em relação a psicologização da masculinidade, Oliveira (1998) descreve que um ponto focal nessa abordagem é a divisão do trabalho doméstico desde a infância como produtor de disparidades dentro de processos de interação.

Nesse sentido, “a ideia diretriz é relativamente simples. As mulheres, na posição de mães, são as primeiras pessoas que, mantendo contato frequente com os filhos, servem como base de referência para a identificação de meninos e meninas” (Idem, p. 4), logo, com o desenvolvimento das crianças, a depender do gênero, algumas complicações posteriores podem ocorrer com elas. Ou seja, “os meninos terão que lutar para se desfazer dela e criar uma outra, completamente diferente. A nova identidade será frágil e tal fato

acarretará uma personalidade com reduzida capacidade de relacionamentos, inseguranças e barreiras em torno do ego masculino. ” (Idem, p. 4)

Sobre a relação do capitalismo e os papéis masculinos, o autor pontua que “a associação entre capitalismo e masculinidade é evidenciada em inúmeras argumentações e para alguns a estrutura do mercado anda de mãos dadas com o **masculinismo**” (Idem, p. 8, grifo do autor), principalmente no se refere na produção e reprodução de privilégios, em relação ao estabelecimento de relações de poder que favorecem e mantém subordinações entre outros homens, sobre mulheres e até sobre eles mesmos. Isso, em contextos cotidianos, institucionais, políticos e socioeconômicos. Essa relação alicerça um nexo estrutural de dominação. Mas, “na maioria das vezes, os autores que adotam a perspectiva vitimária, ao buscarem as razões de ordem social para justificar a situação de vítima do homem, recorrem às agruras do capitalismo e àquelas próprias do papel social masculino, incansavelmente apontadas. ” (Idem, p. 8)

Por fim, Oliveira (1998), nos traz a abordagem pautada no discurso crítico. Esse discurso, ou discursos, sobre as masculinidades são desenvolvidos a partir da necessidade de não mais compreender de forma passiva as agruras que produzem e levam homens a condições de causadores d violência, sofrendores das mesmas, perpassados por angustias e tensões, ou mesmo detentores de privilégios estruturalmente produzidos; sejam em condições como vítimas desse sistema de relações sociais, seja por processos construídos psicologicamente a partir da infância, ou mesmo do sistema capitalista. Mas sim possibilitar alternativas e possibilidades de repensar esses mesmos aspectos em nossa sociedade, auxiliando em uma “nova masculinidade”, ou masculinidades.

Nesse contexto, o autor permite-nos, criticamente, compreender discursos que ainda não romperam com limitações que só abordagens com caráter interseccionais podem auxiliar. Quando ele descreve que inúmeros autores já estavam visualizando uma “nova masculinidade”, por conta de novas demandas e condições, o mesmo percebeu que esse “novo homem” era nada mais que homens brancos cis e de classe média, por já estarem em posição hegemônica nas relações de poder masculina, ou seja, seus privilégios ainda permanecem intactos; esses homens podem, assim, produzir e reproduzir meios de distinção em relação a frações marginalizadas, como por exemplo: a expressividade emocional.

Em contrapartida, a esses segmentos marginalizados

[...] a masculinidade se torna muito mais importante para aqueles que não têm outro meio de conquistar poder em outras esferas da vida social; resta-lhes o poder dentro das relações de gênero. Ser macho torna-se aí, também, um caminho seguro para a aquisição de status quando outras possibilidades lhes são negadas. (IDEM, p. 19-20)

Ou seja, não adianta querer se disporem a compreenderem as masculinidades para suavizarem, ou mesmo acabarem com o sofrimento masculino sem contestarem seus privilégios. Logo, o “pólo de análise nas relações de gênero, relacionada às questões de classe e raça, que a embaralham mais ainda, a masculinidade é passível de múltiplas perspectivas de abordagem. ” (Idem, p. 22)

Já o primeiro dossiê substancial e de enorme importância, enquanto um esforço para traçar possibilidades de interpretação sobre os estudos de gênero, com o enfoque nas masculinidades, foi o proposto pelo Cadernos Pagu. Como resultado, vários estudos e pesquisas foram desenvolvidos com a intenção de abarcar problemáticas reais no Brasil que perpassam sobre a problemática do gênero. Neste caso, as masculinidades. Pois, “como já apontara a crítica feminista dos anos 70, o homem figurava não como um objeto de reflexão entre outros, mas como o referente implícito de seus discursos, como o representante universal de toda a espécie humana. ” (HEILBORN; CARRARA, 1998, p. 2)

De todo modo, a correlação entre a emergência do gênero masculino como objeto de reflexão das ciências humanas e a perda dos privilégios sociais que até hoje a identidade de gênero assegurou aos homens é corroborada por diversos trabalhos. Muitos autores vêm na atual preocupação com o tema o reflexo da "crise" imposta a identidade masculina a partir dos anos 60, oriunda da segunda vaga feminista e da emergência do movimento homossexual. (Idem, p. 2)¹⁵

Ou seja, com maior visibilidade e denúncias sobre vários tipos de violências de gênero, ocorreu em grande escala um questionamento de valores e comportamentos que eram tidos como naturais a homens, colocados como intrínsecos a seus corpos e temperamentos, possibilitando, assim, um novo olhar sobre as masculinidades. Dessa forma, percebidas como produtos sociais, culturais e históricos. E abrindo um escopo para diversos campos de conhecimento.

Dessa forma, “os textos reunidos nesse dossiê tratam de duas searas distintas da experiência social de homens. ” (Idem, p. 4) A pesquisa que abre o dossiê é o da

¹⁵ No Brasil, dois estudos importantes sobre essa “crise” são os trabalhos de Sócrates Nolasco, O mito da masculinidade (1993) e A desconstrução da masculinidade (1995).

pesquisadora Ondina Fachel Leal (1998), intitulado “Cultura reprodutiva e sexualidade”. Uma pesquisa etnográfica, com o auxílio de dados estatísticos, tenta traçar, a partir de um levantamento com a amostragem significativa de 200 pessoas, sendo elas 100 homens e 100 mulheres, de uma população de baixa-renda de uma área periférica da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, uma investigação sobre a temática da sexualidade, práticas reprodutivas e contraceptivas, com foco nos homens e suas masculinidades. Bem como se dão suas relações com questões relativas a saúde reprodutiva.

O segundo artigo que engloba esse conjunto de pesquisas é “A primeira vez nunca se esquece”, da pesquisadora Maria Luiza Heilborn (1998). Neste trabalho dedica-se a análise sobre a produção das identidade individuais a partir da inserção de homens de várias camadas sociais na vida sexual adulta. O estudo se debruça sobre trajetórias e histórias de vida de homens na cidade do Rio de Janeiro, por meio de pesquisa etnográfica com entrevistas. Tentando compreender como a sexualidade pode ter um papel importante na construção das identidades masculinas e suas experiências.

Já o último trabalho deste dossiê, intitulado “Vozes masculinas numa profissão feminina”, de Marília Pinto De Carvalho (1998), se dedica a compreender, no campo educacional, como profissões tidas como femininas podem passar por processos de ressignificação por quem as operam, como no caso em questão: a educação. A autora, com base em uma pesquisa etnográfica e entrevistas com professores de escolas primárias do estado de São Paulo, analisa as tensões e adaptações entre suas identidades e suas vidas profissionais.

Um texto importante na sistematização de pesquisas acerca das masculinidades no Brasil e sobre os estudos desenvolvidos até o ano da mesma publicação é o “Masculinidades: uma revisão teórica”, da pesquisadora Miriam Pillar Grossi (2004). Este texto é fruto de um curso que a mesma autora ministrou sobre Masculinidade, em Recife, Pernambuco, em 2001. Ele foi desenvolvido em grandes linhas: “1) O Gênero, a masculinidade e a feminilidade 2) O trabalho como constituinte da identidade masculina 3) Honra e Violência 4) Paternidade 5) Emoções nas relações de gênero e no masculino”. (GROSSI, 2004, p. 4)

A primeira linha de análise da autora diz respeito ao entendimento de duas importantes correntes teorias sobre o gênero. São elas, a pós estruturalista e a pós-moderna. Para a primeira, segundo ela, “gênero se constitui pela linguagem, por aquilo que muitas autoras identificadas com a corrente pós-estruturalista definem como discurso.

” (GROSSI, 2004, p. 5) ou seja, o discurso não se definem apenas pela linguagem, mas também por práticas que produzem sentido. Nesse sentido,

[...] o gênero implica em alteridade, ou seja, para que exista o masculino é necessário seu oposto, o feminino. O processo de constituição de identidade se dá pelo reconhecimento de que existem pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos 4. Para esta corrente, o gênero se constrói sobre o corpo biológico, que é sexuado. As estruturalistas pensam que só pode haver dois gêneros, uma vez que eles se constituem cognitivamente sobre o corpo sexuado, que é dual (macho e fêmea). A existência de dois gêneros não exclui a possibilidade de que estes sejam constituídos em vários modelos de feminino e de masculino, modelos que variam histórica e culturalmente, mas também que têm diferentes matizes no interior de cada cultura. (Idem, p. 5)

Porém, como a mesma autora pontua, a teoria pós-modernista diverge a esse respeito. Isto é, nela o gênero é fluido e múltiplo, possível também de mutações em multiplicidades de corpos. Não mais apenas os gêneros masculino e feminino. “O fato de haver machos e fêmeas biológicos é só uma questão de contingência, contingência que pode ser mudada graças às novas tecnologias médicas que permitem subverter a ordem “natural” deste corpo. ” (Idem, p. 5)

A segunda grande linha de investigação de Miriam Pillar Grossi é que diz respeito ao trabalho como constituinte da identidade masculina. Ela argumenta que só a separação das dimensões do campo público e do privado só foram possíveis, ou surgiram, a partir do século XIX, o estabelecimento da Revolução Industrial. Mas ela nos adverte: “a gente sabe que este modelo que vai localizar o homem na rua e a mulher dentro de casa é algo que só vai servir a uma classe social, a burguesia. ” (Idem, p. 16) pois não passou de um ideal de classe, já que nesse período tanto mulheres quanto crianças trabalhavam exaustivamente nas fábricas. Porém, nesse modelo ideal, “no mundo industrial, os homens estavam ligados à esfera da produção enquanto as mulheres à esfera da reprodução (tanto no que se refere aos filhos, quanto nos trabalhos domésticos necessários à reprodução da força de trabalho). ” (Idem, p. 16)

As transformações do mundo trabalho também impactaram os modelos de masculinidades outrora tradicionais. Pois,

Tradicionalmente na sociedade ocidental, a masculinidade se constituía pelo papel que o trabalho tinha na vida dos homens. O trabalho, fosse ele camponês ou industrial, envolvia o corpo masculino, que se distinguia do feminino pela força física. No final do século XX e início do século XXI, este paradigma do valor do trabalho masculino associado à força vem sendo substituído no mundo do trabalho pelo paradigma da competência, que está associado ao conhecimento de tecnologia, particularmente de informática. (Idem, p. 17)

Em outras palavras, essas transformações produzem certos paradoxos que influenciam nas identidades masculinas uma vez que quanto mais se exige trabalhadores qualificados nesse processo, mais trabalhadores não-qualificados perdem seus empregos. Assim, esses homens que produziam sentidos existenciais e indenitários a partir do trabalho agora perdem também o lugar tradicional de provedor. Um dos valores centrais da masculinidade.

A honra e a violência também é discutida no trabalho da autora. Aqui ela nos traz uma certa contradição no que se refere a honra em nossa cultura, logo que a honra para os homens gira entorno da mulher. Já que “para nossa cultura, um homem honrado é aquele que tem uma mulher de respeito, ou seja, uma mulher recatada, controlada, pura, etc. É a mulher quem detém o poder de manter a honra do marido, pois se um homem não tem uma mulher virtuosa ele perde a sua honra.” (Idem, p. 12) ou seja, são as mulheres, enquanto mães, filhas e irmãs, que são encarregadas da honra da família. Ficando aos homens, enquanto pais, filhos ou irmãos, o dever de controlar a virtude feminina. Nesse último caso, a partir da virilidade, força e violência, zelar por ela. Até mesmo, por meio do ato de “lavar a honra com sangue”, o que resulta muitas vezes em feminicídio.

A paternidade também é trabalhado nessa pesquisa. A autora desenvolve a argumentação que hoje, nos estudos sobre família, o conceito privilegiado é o de *parentalidade*, não mais os de paternidade ou maternidade. Pois

Este conceito serve para explicar as mudanças ocorridas na família urbana contemporânea, famílias que cada vez mais estão adequadas ao modelo clássico de família nuclear com pai, mãe e filhos biológicos deste casal vivendo sob o mesmo teto. Em camadas médias urbanas, é muito comum termos hoje famílias recompostas, que são grupos familiares com filhos de diferentes uniões dos pais. Neste modelo de família, as crianças aprendem desde pequenas que existem vários tipos de irmãos: consangüíneos de pai e mãe, consangüíneos apenas por parte de um dos genitores e irmãos por aliança (aqueles que são filhos dos novos companheiros do pai e da mãe). (Idem, p. 21)

Mesmo em algum sentido a paternidade, mesmo que não sendo pai biológico, seja essencial para o sentimento de ser homem – mesmo com altas taxas de abandono parental –, os novos modelos de família reconfiguram os sentidos da identidade masculina. Visto por exemplo em relação a pais solo.

Por fim, o quinto e último ponto debatido no trabalho de Grossi é as emoções nas relações de gênero e no masculino. Partindo do pressuposto que em nossa cultura uma

das mais convencionais características da masculinidade é a incapacidade de homens expressarem seus sentimentos, ou mesmo demonstrar sensibilidade. Inclusive, “homem não chora” é uma das afirmações mais recorrentes na formação dos meninos; modelo de gênero que obriga os homens a controlarem suas emoções, a não chorarem.” (Idem, p. 24) Por outro lado, como enlace e fruto dessa supressão, boa parte dos homens recorrem a violência como válvula de escape para seus sentimentos reprimidos.

Para concluir, a autora dimensiona essas transformações nos paradigmas acerca das masculinidade principiado por processos de mudanças estruturais em nossa sociedade, não enquanto uma ‘crise da masculinidade’, mas como falado, a algo estrutural no individuo moderno. Mesmo ainda coexistindo com modelos tradicionais de masculinidades, esses novos arranjos são fruto também de avanços nas questões feministas e de igualdade de gênero.

Um dos temas ainda pouco estudados, mas em passos para um melhor aperfeiçoamento em relação aos estudos de gênero e masculinidades se refere aos que envolve o campo da saúde. Visando contribuir para os estudos e pesquisas sobre homens e masculinidades, o trabalho ‘Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre gênero sobre homens e masculinidades’, dos pesquisadores Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), faz um diálogo importante com os estudos feministas. Pra eles,

É importante reconhecer que, no âmbito dos movimentos sociais que se constituem e se desenvolvem a partir dos anos 1960, os movimentos de mulheres e feministas são considerados relevantes devido ao impacto que geraram sobre a conformação das instituições. Tanto no plano internacional como no plano brasileiro, a movimentação das mulheres em prol de uma sociedade mais justa tem levado a propostas de mudanças nas condições de vida de homens e mulheres. Ao mesmo tempo, essa movimentação vem constituindo novos sujeitos (mais complexos) e gerando também uma revisão dos fundamentos que têm orientado as ciências, particularmente humanas e sociais, e cada vez mais as ciências da natureza e da saúde. (MEDRADO e LYRA, 2008, p. 4-5)

O ponto focal deste trabalho é o debate para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para homens, como nos campos da reprodução e contracepção; violência de gênero; sexualidade e saúde; trabalho e saúde; e outros temas emergentes ou pouco explorados como o envelhecimento e a saúde mental. Sendo pautadas em suas “distintas formas” e arranjos. (Idem, 2008)

Um outro trabalho, ainda mais complexo dos que já foram abordados até aqui, é “O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo”, da autora

e pesquisadora Malvina E. Muszkat (2018). Com o esforço de abranger reflexões sobre a subjetividade masculina, desdobrando-se sobre o machismo em nossa cultura, ela enfoca as falas e vivências de homens agressores, para entender e mesmo validar seus sofrimentos. Traçando também possibilidades da compreensão de certas necessidades no compartilhamento de políticas públicas com foco no tratamento e cuidados psíquicos para auxiliar em novas formas de enfrentamento de das dificuldades, dilemas, conflitos e traumas desses homens. Mas a psicanalista também tenta compreender esses fenômenos a luz do patriarcado e suas consequências a ambos os gêneros.

Para concluir, com uma revisão teórica, a partir de uma pesquisa qualitativa, Edmarcius Carvalho Novaes e Miriam Pillar Grossi (2021), procuram “algumas perspectivas teóricas disciplinares a respeito de vivências de masculinidades, buscando construir um modelo interdisciplinar de análise, a partir da abordagem dos estudos territoriais.” (Idem, 2021, p. 1) levando em conta os estudos decoloniais. Mas não só, pois

Trata-se das seguintes perspectivas: a) nos estudos de gênero, com o conceito de “masculinidades hegemônicas”; b) na antropologia, tomando gênero como categoria de análise para pensar a masculinidade como o papel sexual do ativo; c) nas artes, com a relação entre literatura, política e papéis sexuais que constituem masculinidades; d) na história, com a historiografia das masculinidades brasileira em seus aspectos afetivo-políticos das masculinidades a partir da colonização e o adestramento dos corpos; e) na educação, com a pedagogização dos corpos masculinos performatizados; e, f) na psicologia, com a construção social das masculinidades em processos de subjetivações, a partir do falocentrismo. (Idem, 2021, p. 2)

Dessa forma, pautando-se na compreensão de que as masculinidades são produções plurais, sociais, históricas e espacialmente determinadas, consequências de processos coloniais e inscritos nos corpos, entendem que “as masculinidades são pedagogias dos corpos sexuais e que necessitam ser performatizados em suas expressões, sejam públicas e/ou privadas. Na política, na literatura, nos espaços de homossociabilidade, as performances indicam multiterritorialidades que exigem papéis sociais culturalmente desejados.” (Idem, 2021, p. 16-17)

Como vimos, houveram grandes desdobramentos em relação aos estudos sobre gênero e masculinidade nas últimas décadas, principalmente no que tange um maior refinamento e dimensão do que é ser homem e suas masculinidades. Seja no campo político, da saúde, da educação ou culturais, as masculinidades não sendo estanques, mas passando por mudanças de modelos e perspectivas ainda é, dentro ou fora do ambiente acadêmico, objetos importantes para análises e possíveis transformações.

3.1 A construção social da masculinidade a sociedade brasileira

Desde os estudos sobre o feminismo e sobre o ser mulher, não é mais viável a concepção de masculinidade no singular, mas de masculinidades, no plural, pois as experiências de ser homem em sociedade e dentro do campo da interseccionalidade (DAVIS, 2016; CONNEL, 2018; HOOKS, 2022), levando em consideração os marcadores sociais da diferença, como: raça, classe e faixa etária, a abrangência de visão sobre essas experiências possibilitaram um dimensionamento mais amplo sobre esses atores sociais. Pois, ser homem cis, proporciona privilégios específicos em relação a homens trans; já homens brancos possibilitam privilégios próprios sobre homens negros; entre homens homossexuais e homens héteros as formas de experienciar e vir o mundo são diferentes. Mas, como Audre Lorde (2019) pontua, sobre as experiências de ser mulher, não existe hierarquias de opressão, pois as linhas de atuação, apesar de certos privilégios em detrimentos de outros, a linha de frente não é uma escolha, já que as forças que atuam sobre um são as mesmas sobre outras.

Desta maneira, este capítulo tentará abordar algumas dessas inúmeras possibilidades de ser homem, principalmente, no Brasil, país arraigado sobre um cadinho cultural tão diverso, seja racial, regional ou de classe. Esses são elementos que ao mesmo tempo que promovem uma certa demarcação sobre as experiências de ser homem, jogam luz sobre a complexidade dessas mesmas vivências. Portanto, este capítulo tentará discutir as performances e os discursos que envolvem essas experiências.

3.2 Macho e cliente: a *performance* como construção dos papéis de gênero normativos

As experiências-de-ser-homem no Brasil, no que tange os padrões heteronormativos, ainda estão arraigadas em discursos, práticas e códigos que acabam por definir não só as identidades de gênero, mas também como um poderoso recurso na definição das próprias identidades regionais, como por exemplo no caso da região Nordeste (DURVAL JÚNIOR, 2013). Porém,

Embora o discurso da identidade regional opere com a lógica da semelhança, unificando experiências, construindo uma ideia de essência regional, para fazer

isso trabalha com uma multiplicidade de elementos, com um conjunto de signos, práticas e discursos que se tornam partes de um todo, que convergem para a criação de uma imagem homogênea do que seria característico da região. Este discurso da identidade regional oscila, pois, entre o uno e o múltiplo. A masculinidade é apenas um elemento constitutivo da identidade regional nordestina, mas é fundamental na construção de uma figura homogênea e característica que se chamará nordeste. Por isso, as experiências e vidas de homens numa região onde “ser macho” é um imperativo podem ser um excelente ponto de partida [...] (Idem, 2013, p. 23)

Ou seja, das produções discursivas sobre uma identidade regional operarem sobre uma construção imagética pautada em uma essencialização de sujeitos e culturas singulares, a multiplicidade de formas e elementos são sobrepostos para tal construção. Isto é, a tentativa de reconfigurar a multiplicidade para se produzir a singularidade.

Outro elemento, quando se trata de práticas discursivas, comumente é utilizado para questionar a masculinidade de homens *cis* práticas discursivas homofóbicas, para situar e reproduzir as masculinidades que devem ou não ser legítimas e legitimadas. Pois, “homem não chora” e “chorar é coisa de mulher e de *boiola*”¹⁶. Essas atitudes colocam em suspenso atos e práticas do ser homem. Com relação a masculinidade e a disciplinarização dos corpos diante das expressões dos sentimentos, Guacira Lopes Louro (2019, p. 27) pontua:

Com cautela que deve cercar todas as afirmações pretensamente gerais, é possível dizer que a masculinidade forjada [...] almejava um homem controlado, capaz de evitar “explosões” ou manifestações impulsivas e arrebatadas. O homem “de verdade”, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Consequentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto, características femininas.

Esses fatores acabavam por construir e reproduzir uma espécie de hierarquia de masculinidades entre os sujeitos, pois demarca as interações, sem contar o fato de que quem possuía a possibilidade ou não de *performativizar hiperbolicamente* sua masculinidade. Afinal,

Como efeito de uma *performatividade* sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a parodias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico. (BUTLER, 2010, p. 211).

¹⁶ Termo pejorativo comumente utilizado na região nordeste para indicar e se referir a homens homossexuais, mas também indivíduo fraco, medroso ou sensível.

Tendo em vista o que Judith Butler (2010) chama de “exibições hiperbólicas” a respeito das práticas parodísticas de gênero, podemos compreender como as masculinidades desempenhadas nos estabelecimentos pesquisados atuam e se mostram.

Em suma, antes de tudo, vale ressaltar que a “performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, em vez disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. (BUTLER, 2019, p.195) Em outras palavras, a materialização do sexo no corpo é empregada pelas normas reguladoras a partir da performatividade, logo, “materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”. (Ibid., p. 195) A performatividade de gênero não é um dado sutil, necessitando assim de um ciclo constante de sucessivas reiteraões para afirmar sua posição e seu gênero, ordenada pela imagética dominante do masculino.

Mas é preciso ter em vista que mesmo que ocorra atuaões de risco por parte dos clientes, os estabelecimentos de prostituição possuem códigos de conduta e negociaões de normas que não podem ser rompidos (FREITAS, 1985). Mas caso esses contratos verbais e não-verbais da norma ocorram, “as mulheres prostitutas tendem a evidenciar considerável capacidade de agência e de exercício de poder, pondo mesmo em prática, de acordo com os seus interesses e objetivos, estratégias de manipulação e de instrumentalização dos clientes” (SACRAMENTO, 2005).

Com efeito, pontuamos no início deste capítulo que o Brasil é envolvido por representações culturais e imagéticas que circundam a compreensão das masculinidades que são produzidas e reproduzidas. Todavia, no âmbito regional, mais propriamente falando, no que rodeia o Nordeste brasileiro, a virilidade, a honra, a força e a centralidade em torno das decisões são demarcadores da masculinidade hegemônica, não apenas nos discursos e narrativas que cingem a sexualidade e o gênero, mas também nas performances de gênero, reforçados ainda mais por essas narrativas.

A seguir, no próximo, iremos nos debruçar mais sobre a construção das masculinidades, tendo como foco a sociedade brasileira, compreendendo suas várias dinâmicas e complexidades. Tentaremos analisar os inúmeros dispositivos e mecanismos de produção e reproduções, tanto quanto as formas de legitimar essas masculinidades, enquanto hegemônicas e subalternas.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O capítulo em questão tenta dialogar entre teoria e pesquisa empírica, dispensando uma certa dicotomia entre essas duas formulações, encarando a etnografia como um empreendimento de recombinações teóricas e práticas. Pois, para além de uma simples metodologia, por assim dizer, traz embutida em si novos posicionamentos teóricos. Dessa maneira, o percurso que aqui se propõe está entrelaçado sobre relatos de experiência do pesquisador, os atores sociais e de tentativas, em algum sentido, de propostas sobre o fazer etnográfico.

Inicialmente, é importância frisar que os dados aqui apresentados são partes das pesquisas em torno da prostituição em dois estabelecimentos de prostituição na capital do estado do Maranhão, ou seja, São Luís. Cidade nordestina, na fronteira amazônica conhecida como Amazônia Legal¹⁷,perpassada por vários contextos econômicos, políticos, sociais e históricos que dimensionam características que marcam realidades vivenciadas cotidianamente. Pois, o pesquisador, mesmo pertencente a mesma cidade, já realizou uma pesquisa monográfica na região do Baixo Parnaíba Maranhense. Apesar de pequeno, o município em questão possui uma relevância na área da educação, com a presença de um campus da UFMA (Universidade Federal do Maranhão). Os locais em que as práticas da prostituição ocorrem estão localizados em pontos centrais da cidade e próximos a uma das vias de acesso a uma rodovia estadual, uma MA. Apesar de acreditar inicialmente que por meio de uma viela a única via de entrada e de saída se estabelecia, que eu visualizei como “forasteiro” e pesquisador iniciante, logo mais tarde, no transcurso da pesquisa, compreendi que havia uma lógica oculta nesses estabelecimentos. Também, por estar situado próximo à avenida onde carros, caminhões e ônibus de turismo trafegam para suas respectivas rotas, acaba por se tornar uma localização estratégica, que atíça os

¹⁷ Resultado particularmente de motivações políticas, “o conceito de Amazônia Legal foi instituído pelo governo brasileiro como forma de planejar e promover o desenvolvimento social e econômico dos estados da região amazônica, que historicamente compartilham os mesmos desafios econômicos, políticos e sociais. Baseados em análises estruturais e conjunturais, seus limites territoriais tem um viés sociopolítico e não geográfico, isto é, não são definidos pelo bioma Amazônia – que ocupa cerca de 49% do território nacional e se estende também pelo território de oito países vizinhos -, mas pelas necessidades de desenvolvimento identificadas na região.

A Amazônia Legal é uma área de 5.217.423 km², que corresponde a 61% do território brasileiro. Além de abrigar todo o bioma Amazônia brasileiro, ainda contém 20% do bioma Cerrado e parte do Pantanal matogrossense. Ela engloba a totalidade dos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e parte do Estado do Maranhão. Apesar de sua grande extensão territorial, a região tem apenas 21.056.532 habitantes, ou seja, 12,4% da população nacional e a menor densidade demográfica do país (cerca de 4 habitantes por km²). Nos nove estados residem 55,9% da população indígena brasileira, cerca de 250 mil pessoas, segundo a FUNASA.” ((O))ECO, 2014)

interesses dos transeuntes. Entre os moradores da localidade, os estabelecimentos são bem conhecidos e citados em rodas de conversas. Pessoas de municípios vizinhos comentam costumeiramente sobre eles. (RAMOS, 2020).

No contexto desta pesquisa de mestrado, esse lugar enquanto “forasteiro” não se fez presente. Mas como pesquisador houve uma localização, em certo sentido, como um “corpo estranho”, em relação a aquela prática. E mesmo que em outrora, já estive na posição de cliente e não cliente – está última posição se fez como consumidor do espaço em si, como lugar de confraternização com amigos.

Esses espaços configuram um circuito, conhecido e frequentado pelos clientes que transitam entre ambos. Além disso, a partir do conceito de circuito, como definido anteriormente, de acordo com o antropólogo José Guilherme Magnani (2014), essa categoria se faz importante, assim, pelo seu valor e disposição de vincular esferas do meio urbano não essencialmente caracterizados pelo contorno espacial, ele tem a capacidade de, conectando pontos dispersos e distantes no tecido urbano, sem inviabilizar a percepção em torno da coerência do conjunto em si, contribui na compreensão desses espaços de prostituição no processo das sociabilidades que envolvem a cidade e os domínios que rodeiam o exercício da prostituição, valendo-se das rotas e percursos. Pois, tanto garotas de programa, quanto clientes circulam em ambos espaços, criando uma certa relação com eles.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa qualitativa com observação participante em dois estabelecimentos de prostituição na cidade de São Luís – bem como com os sujeitos que trabalham ou frequentam esses espaços. Um dos estabelecimentos será denominado Boate Duplessi e outro Camélias Bar e Drinks. As duas casas noturnas são localizadas próximos a uma das avenidas mais movimentadas de São Luís, avenida que se inicia ao lado do aeroporto da cidade e da entrada da mesma.

Assim sendo, ao entender que “o observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda” (BECKER, 1997, p. 47), por ser um pesquisador homem, as inserções e incursões nestes campos foram feitas de forma facilitada, em certa medida – comparando a vários estudos sobre a prostituição e as interlocuções estabelecidas por pesquisadoras¹⁸. Contudo, é preciso

¹⁸ Ver sobre os relatos sobre as dificuldades em campo em relação ao gênero em PEREIRA, Amanda Gomes. “Um bonde chamado afeto”: descrevendo as conexões numa casa de prostituição feminina. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010; SALES, Ana Paula Luna. Amor à venda? Uma

destacar que as entradas em campo afetam nas relações estabelecidas e, consequentemente, nos dados obtidos.

Apesar desta pesquisa ser configurada como pesquisa de campo, inicialmente ela foi sendo desenvolvida a partir de um primeiro momento com o auxílio da Netnografia. Pois, com o surgimento e desenvolvimento de fenômenos que a internet propiciaram, “as metodologias de investigação em ciências sociais também têm se desenvolvido, dando origem a novos métodos de pesquisa que permitem avançar na exploração destes novos ambientes culturais humanos, como é o caso da netnografia.” (MESQUITA, MATOS, MACHADO, SENA E BAPTISTA, 2018, p. 3) Dessa forma, “a netnografia vem cada vez mais utilizada por pesquisadores das áreas da comunicação, marketing, antropologia e sociologia” (Idem, p. 5). Essa metodologia, em relação a conveniência que ela proporciona, os dados obtidos podem facilmente coletados em qualquer ambiente com internet, até mesmo da casa do pesquisador.

As redes sociais, *Instagram*, de um dos estabelecimentos foi o primeiro contato, enquanto pesquisador, que foi possível coletar certos dados, principalmente em relação ao funcionamento em contexto de pandemia. Por conta da pandemia de Covid-19, as incursões e informações sobre os estabelecimentos era bem restritas, ou impossibilitadas, uma alternativa viável foi procurar as redes sociais desses estabelecimentos.

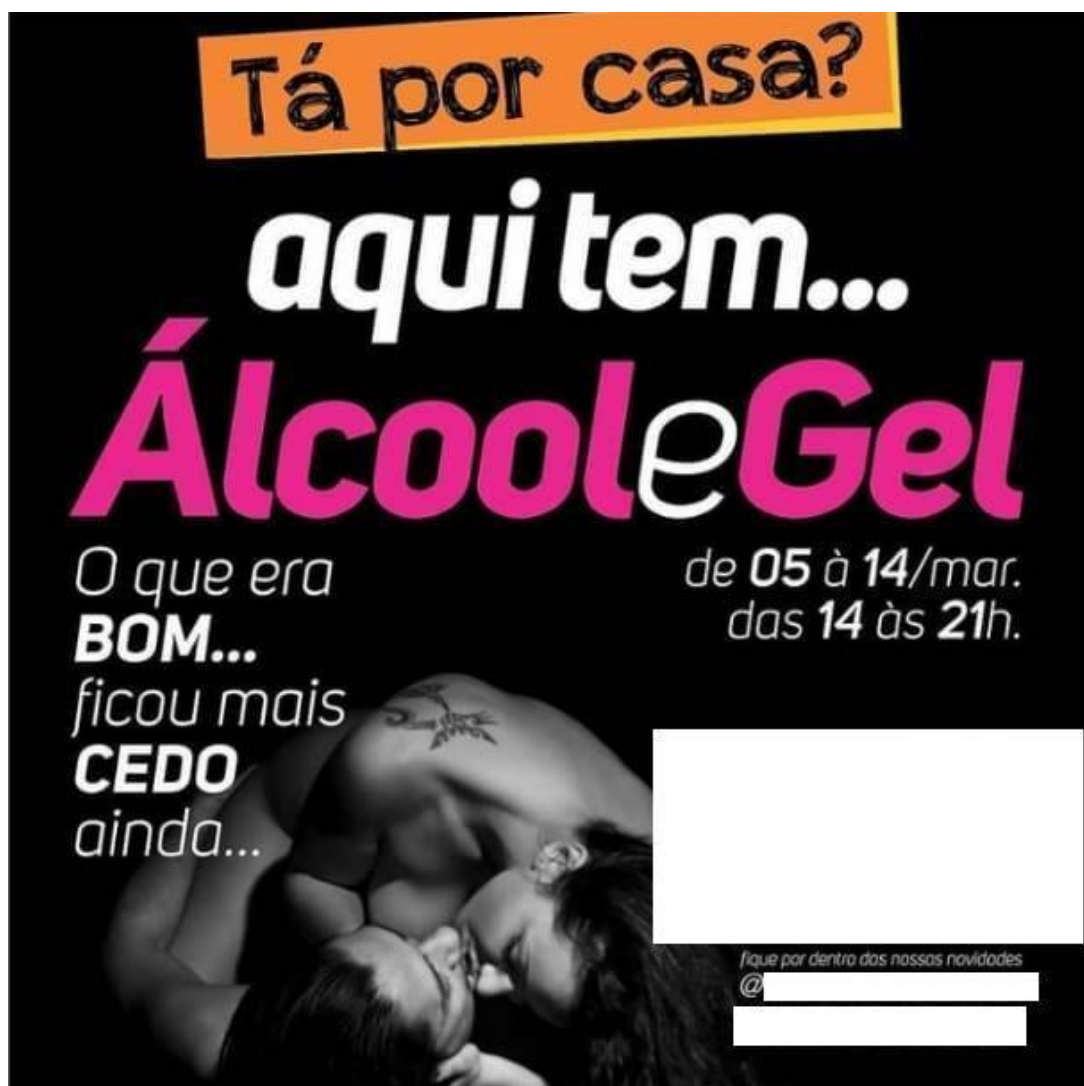
Como podemos observar nas imagens abaixo, as redes sociais dos estabelecimentos são utilizadas como meio de divulgação de informes e novidades sobre o que ocorre e o que vai ocorrer nos mesmos. Evidenciando, assim, o enquadramentos desses estabelecimentos nas possibilidades que o mundo digital possibilita.

Figura 1 – Divulgação de horários e protocolos sanitários, por cota da pandemia, para o funcionamento da Boate Duplessi. São Luís, julho de 2022.



Fonte:Instagram: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: julho de 2022.

Figura 2 - Divulgação dos horários e protocolos sanitários, por conta da pandemia, para o funcionamento da Boate Duplessi. São Luís, janeiro de 2022.



Fonte: Instagram: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: janeiro de 2022.

Figura 3 - Divulgação dos horários e protocolos sanitários, por conta da pandemia, para o funcionamento da Boate Duplessi. São Luís, fevereiro de 2022.



Fonte: Instagram: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: fevereiro de 2022.

Mesmo diante das adversidades que fui encontrando ao longo da pesquisa, e dos desafios que foram sendo colocados, pude encará-los como provocações transponíveis, necessárias ao meu processo de compreensão daquela própria realidade. Como Pereira (2010) apresenta em seu texto, as experiências em campo, sejam elas bem sucedidas ou fracassadas, nos permitem perceber aspectos das relações sociais estabelecidas nesses ambientes, clareando pontos obscuros que permeiam esses contextos.

Assim, como destaca Geertz (2001), há tensões e conflitos que fazem parte das negociações empreendidas por antropólogos e nativos em campo que são essenciais para o processo de intersubjetividade e para a produção do conhecimento sobre si e sobre o outro. Desse modo, meu *estranhamento* com relação ao universo alheio diz mais sobre mim – pesquisador – do que sobre o outro.

A prática de pesquisa de campo sempre se mostrará como um método desafiador para os pesquisadores iniciantes, pois coloca-nos imerso na dinâmica do campo, estando o pesquisador apenas munido de referenciais teóricos – mesmo que esses referenciais sejam cruciais. Contudo, esses referenciais teóricos são insuficientes, mesmo que eles sejam o norte da pesquisa, que fogem aos dinamismos da vida cotidiana.

A pesquisa de campo é definida pelo envolvimento e identificação do pesquisador com os atores sociais, visto que o pesquisador se relaciona com os atores parte da pesquisa. Ao usar do olhar etnográfico, vale ressaltar que, como Oliveira (2000, p. 34) pontua:

Uma outra ideia-valor a ser destacada como constituinte do ofício antropológico e a "observação participante", [...] talvez seja ela a responsável pela caracterização do trabalho de campo antropológico, distinguindo-a, enquanto disciplina, de suas irmãs nas ciências sociais. Apesar dessa observação participante ter alcançado sua forma mais consolidada na investigação etnológica, junto a populações agrafas e de pequena escala, isso não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo. Dessa observação participante, sobre a qual muito ainda se poderia dizer, não acrescentarei mais do que umas poucas palavras; apenas para chamar a atenção para uma modalidade de observação que ganhou, ao longo do desenvolvimento da disciplina, um status elevado na hierarquia das ideias-valor que a marcam emblematicamente. Nesse sentido, os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar – isto é, peculiar a antropologia –, por meio da qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro "de dentro", em sua verdadeira interioridade. Ao tentar penetrar em formas de vida que lhe são estranhas, a vivência que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivência – só assegurada pela observação participante "estando lá" – passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina.

Em outras palavras, apesar da observação participante ter se estabelecido a partir da interpretação e compreensão de sociedades que não a dos pesquisadores, isso não impossibilitou que essa mesma prática não voltasse seus olhares e ouvidos para as culturas familiares ao pesquisador. Logo, o “estar dentro” ganha uma outra dimensão.

A metodologia utilizada pautou-se na pesquisa etnográfica. Para tal, foram feitas pesquisas de campo e coleta de dados, com descrições e observação participante. Logo que os campos, por terem lógicas e dinâmicas próprias, se configuram, em alguns momentos, para um pesquisador inexperiente, como algo simplório, com relações naturalizadas pelo olhar desatento, ainda em construção. Nesse sentido, a lapidação de um olhar antropológico passa pela imersão em campo, em diferentes momentos, em que

o pesquisador se fragiliza no processo de compreensão da alteridade estabelecida entre as relações humanas. Como foi pontuado no início do capítulo, não se trata de algo tão simplificado e dado ao pesquisador. Desse modo, as conexões que se estabelecem por detrás das relações só são evidenciadas com uma análise mais *densa*, com esforço de transpor camadas. Como aponta Geertz (2012, p. 7):

A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexatas, e que ele tem de, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer censo doméstico... escrever seu diário.

Como no trabalho produzido por Pasini (2005), em torno dos homens da Vila Mimosa, em contexto de prostituição feminina, sendo essa uma das áreas de prostituição mais conhecida do Rio de Janeiro, utilizaremos a etnografia na realização da pesquisa de campo alicerçadora desta investigação. Mas vale ressaltar que o emprego da etnografia será pautado enquanto uma formulação *teórico-etnográfica*, pois, a etnografia não é só um método, toda etnografia é também teoria (PEIRANO, 2014).

Em vista disso, “apreendendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada” (BERGER; LUCKMAN, 2012, p. 38), mediante o exposto, “seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão” (Ibid., p. 38). Com isso, compreender esses padrões se torna um elemento basilar para essa pesquisa.

Tendo em vista todos esses pressupostos metodológicos, “no entanto, a ideia de tentar “pôr-se no lugar do outro” e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo” (VELHO, 2013, p. 69). Mas, como mencionado em outro momento, por ser um pesquisador homem em estabelecimentos de prostituição feminina, as pesquisas evidenciaram um ponto importante nessas incursões, uma vez que fui percebido, em várias ocasiões, como um cliente em potencial, facilitando as relações estabelecidas com os sujeitos da pesquisa em vários momentos. Pelo fato de já ter frequentado, em um momento de minha vida alguns estabelecimentos de prostituição, ora como consumidor do espaço em si e ora dos serviços sexuais das garotas de programa, houve certo grau de familiaridade com os espaços pesquisados.

Nesse contexto, em relação ao trabalho do pesquisador e sua metodologia, é importante compreender os aspectos e as teias de significados que são construídas. Segundo DaMatta (1978), é necessário refletir sobre o trabalho do pesquisador, dentro do trabalho de campo e seu aspecto sentimental. O *Anthropological Blues* parte de aspectos interpretativos, compreendendo de modo relativo os pontos de análise do ofício do etnólogo. Para o autor, ser um bom etnólogo consiste em dois trabalhos: transformar o exótico em familiar, compreender e conhecer o outro sem pré-conceitos e pré-noções; o familiar em exótico, transformar o que é íntimo a mim em estranho. Esses exercícios se mostram suficientemente satisfatórios dado às realidades tão contrastantes de um sujeito da pesquisa e outros, dos sujeitos e os estabelecimentos. Como Jeanne Favret-Saada (2005, p. 159) nos ilumina em relação aos ritos de feitiçaria no interior da França, onde ela realizou seus estudos, o que podemos realmente entender sobre empatia e ser afetado na pesquisa participante:

Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas “sensações, percepções e pelos pensamentos” de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los.

Não se trata apenas de ocupar um simples lugar como um observador com distâncias aceitáveis para que não ocorram equívocos interpretativos do lugar do pesquisador no campo, é preciso ser afetado, pois “o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetado” por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não” (FAVRET-SAADA, 2005, p.159). Com tudo isso, digo que fui afetado pelo campo e pelos sujeitos em vários aspectos, que serão melhor desenvolvidos neste capítulo.

Dessa forma, a minha formação da ideia sobre a prática da prostituição e dos lugares das garotas e clientes nesses espaços e suas relações foi sendo modificada de acordo com que fui sendo afetado por eles no âmbito da pesquisa, a bagagem de vivências dentro do campo do senso comum que possuía foi sendo fragmentada e diluída com a convivência e intensa proximidade que fui tendo com os sujeitos da pesquisa e suas histórias de vida.

“Assim como o presídio, um ambiente de prostituição cerceia a liberdade das pessoas que vivenciam esse local cotidianamente. São locais suspensos na sociedade em que as circulações de informações, de pessoas e de serviços são reguladas” (PEREIRA, 2010, p. 33). Ao levantar questionamentos que buscam elucidar como os espaços de prostituição se constituem, diálogo com perspectivas ligadas a definições de regiões morais¹⁹, definidoras de lugares a partir de estigmas e representações.

O intuito é demonstrar as relações que envolvem a prática da prostituição como pertencendo a um circuito “em virtude de sua capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial”, sua importância analítica é “a de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência” (MAGNANI, 2014, p. 2).

Por se tratar de um trabalho voltado para as relações de gênero, a pesquisa de campo tentou não deixar de lado nenhuma dimensão que envolve os sujeitos que fazem parte e constituem as relações desempenhadas nos estabelecimentos de prostituição – mesmo que o trabalho em questão se volta para a análise sobre os clientes, as masculinidades, seus aspectos e códigos realizados nesses estabelecimentos. Além disso, houve entrevistas informais que possibilitaram um dimensionamento mais transitável entre os atores sociais e o pesquisador.

Os nomes dos entrevistados e dos locais foram substituídos por nomes fictícios, pois houve a necessidade de tais alterações e por conta do código de ética do pesquisador que visa sempre preservar a privacidade e integridade dos sujeitos da pesquisa.

Por fim, contudo, *logos* da pesquisa tem por objetivo analisar, compreender e pôr em evidência as performances masculinas de clientes em casas de prostituição feminina, a inserção da história de vida de um dos clientes se torna crucial para a compreensão desse universo.

¹⁹ Aqui utilizo do conceito de *região/zona moral* segundo Robert E. Park, dessa forma: A região moral. — É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, quer sejam proporcionadas por corridas de cavalos ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida citadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. A distribuição da população resultante tende a ser bastante diferente daquela ocasionada por interesses ocupacionais ou por condições econômicas” (1987, p. 54).

4.1 Questões éticas e metodológicas

Como já mencionado, por esta pesquisa se tratar de um estudo com certos riscos para as pessoas que fazem parte da mesma, levando em conta o comitê de ética de pesquisa e a ética do pesquisador, os nomes dos participantes e dos estabelecimentos foram alterados a partir de uma lógica que pudesse orientar melhor o pesquisador, sendo assim, todos os nomes são fictícios, tendo como referência a obra “A dama das camélias”, obra do autor francês Alexandre Dumas Filho (1965), romance que narra a relação de um cortesã parisiense e um jovem da aristocracia, em plena França do século XIX. Obra repleta de críticas sobre a sociedade do período e seus costumes.

Abaixo disponho um quadro empregado para sistematizar os sujeitos da pesquisa com as quais tive contato em campo:

NOME	IDADE	PROFISSÃO	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE
Marguerite	52 anos	Proprietária do Camélias Bar Drinks	não revelou	Ensino Médio Completo
Jorge Duval	40 anos	Proprietário da Boate Duplessi	não revelou	Ensino Médio Completo
Gustavo	32 anos	Vendedor	São Luís/Maranhão	Ensino Médio Completo
Gastão	36 anos	Mecânico	não revelou	Ensino Médio Completo
Olímpia	23 anos	Garota de Programa	Belém/Pará	Ensino Médio completo
Margarida	25 anos	Garota de Programa	São Luís/Maranhão	Ensino Médio completo
Alexandre	31 anos	Gerente e administrador das redes sociais da	São Luís/Maranhão	Ensino Médio completo

		Boate Duplessi		
Jorge	42 anos	Garçom da Boate Duplessi	São Luís/Maranhão	Ensino Médio Completo
Arthur	32 anos	Garçom do Camélias Bar Drinks	São Luís/Maranhão	Ensino Médio completo
NOME	IDADE	PROFISSÃO	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE
Anais	26 anos	Garota de Programa	Belém/Pará	
Nichette	24 anos	Garota de Programa	Castanhal/Pará	2ª série do Ensino Médio
Nanine	32 anos	Empresário	São Luís/Maranhão	Superior completo
Gaudens	40 anos	Segurança da Boate Duplessi	São Luís/Maranhão	Curso de formação de vigilantes
Lancelot	38 anos	Garçom do Camélias Bar Drinks	São Luís/Maranhão	Curso de formação de vigilantes

Fonte: Tabela elaborada por Ramisson Corrêa Ramos.

As entrevistas foram realizadas em forma de bate-papo informais, mas com a autorização de todos os sujeitos previamente acordada. Com os proprietários dos estabelecimentos fui apresentado pelo meu informante privilegiado, Nanine, que de antemão já conhecia eles por conta de trabalhos prestados para os mesmos. Logo depois de conhece-los e informar sobre meu objetivo de pesquisar seus estabelecimentos, eles, funcionários e clientes, trataram de me apresentar para todos e todas. Já em relação aos clientes, o trabalho foi diferente. Com eles eu puxava conversas a partir de certos comentários sobre alguma coisa da atualidade, como futebol, política ou alguma profissional do sexo do estabelecimento. Nesse sentido foi até que fácil, por conta da ingestão de bebidas alcoólicas no ambiente, seja por eu ou pelos interlocutores.

4.2 Situando o campo

Este trabalho foi desenvolvido na cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, a qual possui 1.014.837 habitantes e densidade demográfica de 1.215,69 hab/km² (IBGE, 2020), a partir de uma pesquisa qualitativa com observação participante em estabelecimentos de prostituição, com os sujeitos que trabalham ou frequentam esses espaços.

Nesse sentido, serão utilizados como recorte para a pesquisa dois estabelecimentos, localizados no mesmo bairro, por questões relativas à logística e acesso. Ou seja, logística pelo fato de que os dois estabelecimentos se comunicam entre si, de tal modo que as trabalhadoras sexuais e outros funcionários costumam construir um certo circuito entre os espaços, tanto quanto esses serem uns dos mais conhecidos na cidade. Sobre acesso, por possuir um informante privilegiado de antemão, que presta serviços indiretamente para alguns sujeitos essenciais para a pesquisa, a possibilidade de contato com os gerentes e outros funcionários desses espaços de prostituição se mostra oportuno.

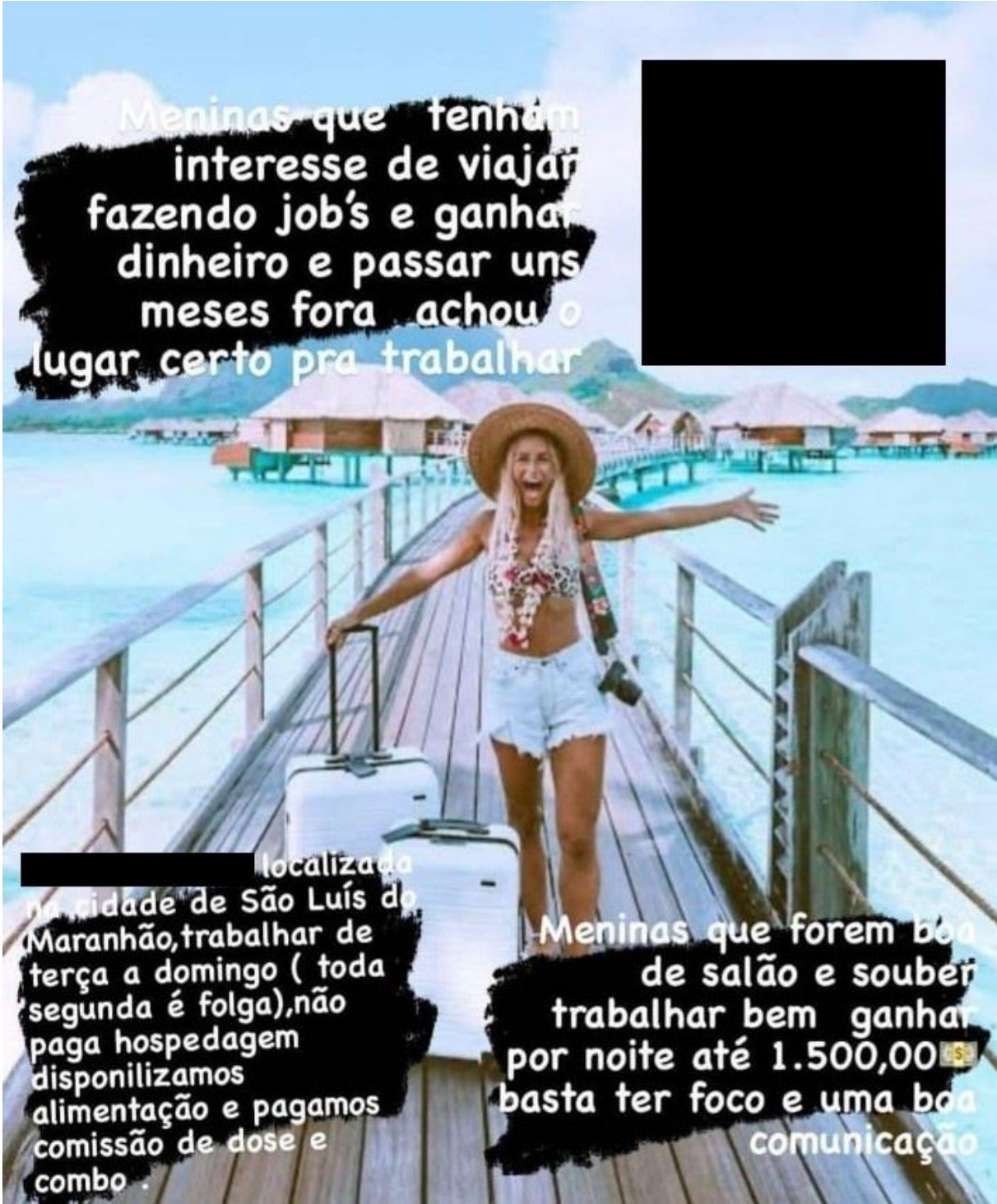
Esse informante privilegiado sendo próximo ao pesquisador, tendo certo vínculo de parentesco com o mesmo. Também sendo uma pessoa que possibilita passagens aéreas para as trabalhadoras sexuais, por intermédio dos gerentes dos estabelecimentos, em grande parte advindas do estado do Pará. Esse mesmo informante já foi cliente dos estabelecimentos e também teve relações amorosas com uma profissional do sexo, namorando por quase 1 ano com ela.

Outro facilitador nesse contexto, foi Alexandre, gerente e administrador das redes sociais da Boate Duplessi. Rapaz magro, de alta estatura, negro, cabelo com luzes, sempre bem arrumado, mesmo que de forma casual. Ele, assumidamente homossexual, como costuma sempre enfatizar, também faz postagens oferecendo seus serviços sexuais, mesmo que de forma mais restritas, principalmente nas redes sociais do estabelecimento.

Alexandre possui uma rede de contatos com as profissionais do sexo, principalmente as oriundas de outros estados, como por exemplo o estado do Pará. Ele sendo o administrador das redes sociais da boate, sempre está conectado e em constante negociação com as mulheres que estão interessadas em fazer parte do efetivo de profissionais do estabelecimento. As divulgações e informativos pelas redes sociais,

como no *Instagram*, são postadas praticamente todos os dias. Criando assim um fluxo constante de postagens por intermédio de Alexandre, como a figura abaixo:

Figura 4 – Divulgação de vagas para mulheres que estejam interessadas em trabalhar na Boate Duplessi. São Luís, dezembro de 2021.



Meninas que tenham interesse de viajar fazendo job's e ganhar dinheiro e passar uns meses fora achou o lugar certo pra trabalhar

localizada na cidade de São Luís do Maranhão, trabalhar de terça a domingo (toda segunda é folga), não paga hospedagem disponibilizamos alimentação e pagamos comissão de dose e combo .

Meninas que forem boa de salão e souber trabalhar bem ganhar por noite até 1.500,00  basta ter foco e uma boa comunicação

Fonte: Instagram: Boate Duplessi (mesmo que seja domínio público, não será disponibilizado link para acesso, por conta da ética da pesquisa e manutenção do anonimato). Acesso em: dezembro de 2021.

As garotas que ali trabalham e residem, por períodos intermitentes, não são da mesma cidade em que está localizado o estabelecimento. Algumas delas são de outros estados, do Norte, mesmo do Nordeste ou de outros municípios do Maranhão – prática

comum, presente nos dois estabelecimentos descritos nesta pesquisa. Como destaca Pereira (2010), fazem parte da profissão o desconhecido e a novidade, elementos que compõem o jogo de sedução entre clientes e profissionais do sexo. A cidade, assim, não se configura apenas como rota para o consumo da prostituição, mas também para o exercício dessa profissão.

Os períodos de funcionamento dos estabelecimentos concentram-se entre terça-feira a domingo. Os horários de funcionamento começam a partir das 21:00hs, com as profissionais do sexo circulando nos salões. Por ser um bar, os clientes que se deslocam para os locais para ingerirem bebidas alcoólicas costumam chegar aos estabelecimentos até mesmo antes do horário citado.

Os estabelecimentos permanecem em funcionamento até pela manhã, em torno das 06:00hs, com os aparelhos de som e de luzes em pleno funcionamento. Os fluxos de clientes são sempre constantes. As trabalhadoras sexuais, habitualmente, desfilam pela entrada dos estabelecimentos ainda a procura de clientes, mesmo em tais horários.

Todas as atividades foram afetadas pela pandemia da Covid-19, mas a prática da prostituição sofreu inúmeros dificuldades. Sendo exposta e desassistida pelos governos de todos os países no mundo. No Brasil não foi diferente. Apesar desses fatores, as trabalhadoras sexuais não pararam de estarem nas ruas ou nos estabelecimentos onde ocorrem os programas. Isto é,

Infelizmente essa é a realidade de trabalhadoras sexuais mundo afora. A crise sanitária, somada ao estigma, à discriminação e criminalização dessas trabalhadoras as têm colocado em situação de vulnerabilidade. Isto requer ações imediatas que visem salvaguardar essas profissionais em um contexto tão adverso como o da pandemia. A desigualdade social e muitos dos problemas enfrentados pelas prostitutas e outros grupos sociais já existiam, mas têm sido agravados pelas restrições impostas pela Covid-19. (PENA & DA SILVA, p. 38)

Mas mesmo diante dessa crise no enfrentamento da pandemia no contexto da prostituição, várias associações, organizações e ativistas pelos direitos das trabalhadoras sexuais buscaram apoio de órgãos do Estado para desenvolverem projetos que visaram levar saúde e acompanhamento para essas trabalhadoras. Um exemplo foi a ação realizada em março de 2021, a partir do empenho da Associação Por Elas Empoderadas — outrora Associação das Profissionais do Sexo do Maranhão (APROSMA)²⁰. Foram ofertados

²⁰ Segundo a historiadora Tatiana Raquel Reis Silva (2015, p. 42), a respeito da APROSMA: “[...] a mobilização das prostitutas no Maranhão teve início em 1991, com um trabalho de prevenção e educação sexual em 101 casas de prostituição feminina em algumas cidades do estado, como São Luís, São José de

serviços de saúde em Clínica Geral, testes para a Covid-19 e outras doenças. Também ocorrem atendimentos psicológicos, psiquiátricos e exames laboratoriais para as mulheres da região do Oscar Frota, setor histórico de prostituição da cidade, antiga ZBM - Zona de Baixo Meretrício, na área central de São Luís.²¹

Outro exemplo nesse sentido foi a ação, na segunda metade do ano de 2021, organizada em um dos estabelecimentos que esta pesquisa engloba. Essa iniciativa foi realizada de forma localizada, pois ocorreu apenas no estabelecimento e com os funcionários do mesmo. Tal empreendimento foi organizado pelos proprietários em conjunto com a prefeitura de São Luís, onde foi efetuada testagem para a Covid-19 e outras doenças. O público alvo foram as trabalhadoras sexuais, mas todos os funcionários foram incluídos nos atendimentos, como mencionado. Vários profissionais da saúde acompanharam essa ação. Apesar de uma ação importante no enfrentamento da pandemia nesse contexto, não houveram divulgações significativas, a não ser pelas redes sociais do estabelecimento, neste caso, no *Instagram*²².

A primeira vez que eu fui ao estabelecimento, no mês de fevereiro de 2022, era um horário de pleno funcionamento. Havia muitos clientes no momento que iniciei minha pesquisa. Mas o curioso é que só foi possível que houvesse um primeiro contato e a imersão no campo por intermédio de um informante privilegiado que me acompanhou e de forma ocasional compreendi que “a ocasião é um *nó* tão importante em todas as práticas cotidianas” (CERTEAU, 2012, p. 147, grifo do autor). Nesse primeiro momento, pude perceber o quanto é difícil a realização de uma pesquisa de campo, em que o papel do pesquisador desempenhado nesses espaços não é bem compreendido pelas pessoas que ali trabalham, circulam, vivenciam aquele espaço. Apesar de que já venho realizando um mapeamento dos estabelecimentos por meio das redes sociais dos mesmos, entrando até em contato com um dos funcionários. Porém, como o campo é dinâmico:

Ribamar e Raposa. A campanha contava com 12 multiplicadores de informação e durante 4 anos de desenvolvidos contribuiu para a criação do disque AIDS.” Pouco depois, “[...] esse movimento durou cerca de três anos até ser criada a APROSMA, em parceria com as Coordenações Estadual e Municipal do Programa de DST/AIDS.” (Idem, p. 44)

²¹ Cf.: Para maiores informações e dados, ver matéria sobre a Ação Resgate, publicada no Portal da Saúde, do Governo do Estado do Maranhão. Disponível em: <https://www.saude.ma.gov.br/destaques/acao-resgate-leva-saude-a-mulheres-da-regiao-do-oscar-frota/>

²² Pelo mesmo motivo elencado em relação ao anonimato dos interlocutores e dos estabelecimentos, as redes sociais também não serão informadas nesta pesquisa. Ou seja, para não expor os sujeitos da pesquisa a determinados riscos que possam ocorrer com tais informações.

Este é o tipo de surpresa agradável que a pesquisa de campo reserva ao antropólogo: apresentar questões até então impensadas. A pesquisa etnográfica é um processo de construção contínua, justamente porque está fundamentada em dados empíricos, os quais vão delimitando as fronteiras da pesquisa ao longo da sua realização (PASINI, 2005, p. 18)

Mas tudo isso acabou por se tornar algo surpreendente, no campo do esperado na pesquisa, logo após essas experiências malogradas. Possibilitando, assim, outros olhares e novos meandros. Estimulado ainda mais descobertas e problemáticas que a teoria sozinha não poderia proporcionar.

O mapeamento citado se deu inicialmente pelas redes sociais, procurando os perfis dos estabelecimentos no *Instagram*.²³ Apesar de que vários dos espaços de prostituição que tinha conhecimento não possuía contas na plataforma, consegui localizar alguns outros diversos. Comecei a “seguir” os perfis e analisar as postagens compartilhadas neles e as pessoas que costumam “seguir” essas contas. Os perfis desses estabelecimentos são sempre chamativos: frases provocativas, como por exemplo: “o seu prazer está aqui”; fotos de nádegas femininas e vídeos de profissionais do sexo dançando de forma sedutoras em trajes íntimos; mas também imagens promocionais de algum evento especial que ocorrerá em algum dos estabelecimentos. Os seguidores desses perfis são na sua grande maioria homens cis, mas também é possível perceber seguidoras mulheres. É evidente em todas as contas desses estabelecimentos a informação “mais de 18 anos”, demonstrando que tanto o perfil quanto os estabelecimentos só é possível o acesso para pessoas maiores de 18 anos de idade. No caso dos perfis é irônico, pois os mesmos são contas abertas e assim todos podem visualizar os conteúdos compartilhados neles.

Sobre a questão que envolve o contato com um dos funcionários, em uma ocasião que estive acompanhando uma das contas na rede social mencionada anteriormente, visualizei um anúncio que consistia em uma espécie de chamada, segundo o perfil: “garotas para trabalhar no estabelecimento”, e mesmo “cafetinos(a) com meninas disponíveis”, onde foi inserido um número de telefone celular. Eu entrei em contato com o proprietário da conta e informei que eu era um pesquisador e que estava interessado em pesquisar sobre a prática da prostituição e sobre os estabelecimentos. Informei também de que forma consegui o número. Ele demorou certo tempo para responder, mas logo

²³ O *Instagram* é uma das redes sociais online mais utilizadas em todo o mundo, cerca de 800 milhões de pessoas, ela consiste no compartilhamento de fotos e vídeos, permitindo a utilização de filtros digitais. Hoje essa plataforma é muito utilizada para divulgação e publicidade de empresas.

retornou minhas mensagens. Possibilitando, assim, uma melhor proximidade. Até o ponto de marcarmos uma conversa casual no estabelecimento.

Como comentei neste capítulo, fui surpreendido em relação a como funciona a lógica dessas incursões para o estabelecimento de encontros sexuais e o funcionamento da dinâmica desses estabelecimentos. A pesquisa de campo tem disso, expandir nosso campo de visão. O que é de muito valor para o pesquisador, aprendi muito nesse sentido.

Nos dois campos pude perceber que, como a pesquisadora Elisiane Pasini (2005, p. 18), ao pesquisar a prostituição na Vila Mimosa, na cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, que: “nas primeiras incursões ao campo de estudo, percebi que o fato de estar em um local no qual a prostituição acontecia, não significava que todos os homens que o frequentam fossem, de fato, clientes”. O ambiente de prostituição está cercado de trocas e contatos diversos em que o sexo é um dos ingredientes que perfazem as relações ali estabelecidas.

Um destes estabelecimentos, vamos chamá-lo de Boate Duplessi, situa-se próximo a uma das avenidas mais conhecidas e super movimentadas da cidade. Uma avenida, entre os horários diurnos, sendo um dos maiores pontos comerciais da cidade, com lojas de parafusos, tintas, peças para automóveis e máquinas, equipamentos de proteção individuais (EPI's), oficinas automobilísticas de grande e pequeno porte, e mesmo metalúrgicas. Mas também muito conhecida pela prática da prostituição quando a noite é desvelada, as luzes dos postes reluzem formas piramidais amareladas e os mesmos empreendimentos comerciais, citados anteriormente, dão lugar a bares, restaurantes e barracas de lanche rápido. Sendo a prostituição de travestis e mulheres trans a que permeia o imaginário da população, quando ao se referir à aquela localidade.

Este estabelecimento é localizado em uma rua transversal à esta avenida citada, de fácil acesso. A fachada do local possui uma grande placa luminosa com o nome do estabelecimento, com a ilustração de uma *Pin-up*²⁴ e uma frase bem sugestiva à baixo: “O seu prazer é aqui”, demonstrando, assim, um atrativo e mistério do que se passa dentro desse espaço.

Este espaço de prostituição funciona de terça-feira à domingo, das 21:00 da noite às 05:30 da manhã. Sendo as segundas-feiras estabelecidas para as folgas das

²⁴ *Pin-up* é uma expressão em inglês que indica a mulheres sensuais que remete aos anos da Segunda Guerra Mundial. As mulheres representadas são caracterizadas por uma estética *vintage*, na grande maioria das vezes de lingerie, cabelos com cortes bem estilizados e lenços vermelhos de bolinhas brancas enfeitando seus penteados.

trabalhadoras sexuais e demais funcionários. Os programas são no valor de R\$100,00 a R\$150,00, incluindo o uso dos quartos. Pois há estabelecimentos que cobram o uso dos quartos. Como me narrou, uma das garotas de programa, Margarida:

Já trabalhei em boates que cobravam o quarto. Quando eu falava quanto era o programa pro cara e que tinha que pagar o quarto, ele dava logo pra traz. Aqui o preço a gente soma logo no valor do programa” (Relatório de campo, 12/03/2022)

Ao entrar na Boate Duplessi, sempre com um segurança na porta, chamado Gaudens, sempre nos recepciona. Por vezes ele está conversando com algum moto-taxista que sempre fica esperando algum cliente que queira algum transporte tarde da noite, ou pela madrugada. Logo depois que adentramos, passamos por um beco bem luminoso, com cores vareadas, que vão do verde ao vermelho. Trajeto não muito longo, imediatamente nos deparamos com o salão do estabelecimento. Repleto de imagens nas paredes que remetem a prática sexual, como se fosse ilustrado com as gravuras do Kama Sutra²⁵. Em uma das extremidades do salão fica localizada a *jukebox* e ao lado o bar, onde podemos pedir algo para beber, ou algum tira-gosto, ou mesmo pedir alguma informação para o barman, Jorge – robusto e de barbas longas – sempre alegre e extrovertido, sobre a boate e seu funcionamento. O salão é um grande espaço aonde ficam localizadas as mesas e cadeiras de madeira, onde os clientes bebem e as garotas circulam e dançam. Esse mesmo espaço, com pisos brancos se contrasta com os que revestem as paredes do bar, que são brancos e vermelhos. O que fica mais evidente no interior do bar são as inúmeras garrafas de *whisky* expostas em prateleiras. Ao entrar, no lado direito do salão, sempre iluminado com luzes baixas e jogos de luzes, está o palco com o mastro de *poledance*, onde são realizadas as performances por parte das profissionais do sexo.

O estabelecimento, em sua parte interior, possui 4 quartos para a realização da prática sexual, mas também há 12 quartos para a estadia das trabalhadoras sexuais, esses possuindo 2 camas e uma televisão cada. Na parte dos quartos para a estadia, estão localizadas várias câmeras de vigilância para preservar a segurança das mulheres que ali estão.

²⁵ Texto milenar indiano, escrito por Vātsyāyana, sobre condutas, procedimentos e hábitos sexuais humanos. É concebido como a expressão do afeto e amor nos escritos sânscritos. Ele constitui a esfera do misticismo atrelado ao erotismo. Ao lado de escritos e descrições, o livro é repleto de ilustrações de posições sexuais.

O outro espaço de prostituição, chamaremos de Carmelias Bar e Drinks, localizado em uma avenida menor que dá acesso à avenida principal – sendo mais distante desta que a Boate Duplessi –, se encontrando em um ponto central desta mesma avenida. Sua fachada bem grande, com uma pintura que consiste em vermelho e preto e com o nome da casa noturna e uma figura feminina em pose sensual, ocupando parte significativa da parede. Possui também uma porta de rolo de aço e uma outra pequena, com pintura preta, de ferro. Esta última sendo a entrada principal, aonde o segurança fica a postos. Ao redor desse estabelecimento é constituída por casas residenciais e alguns bares e oficinas mecânicas de automóveis.

A arquitetura desse estabelecimento é composto de um grande salão central; o bar fica localizado no lado esquerdo do salão; com um pequeno palco e um *poledance* no lado direito; no canto, ao lado palco fica as entradas para os quartos. A primeira entrada é a de um quarto utilizado para os programas, com uma porta de madeira, em seu interior tem uma cama redonda – como as que são encontradas em motéis –, banheiro e com vários espelhos ao redor. A outra entrada, sem porta, leva a um pequeno corredor, que ao final podemos ver uma porta de madeira, nesse caso, é o quarto utilizado pelas garotas de programa para se instalarem em seu período de permanência no estabelecimento, mas também, eventualmente, usado para os programas. Ao entrar, podemos ver 5 camas, modelo beliche e uma mesa de cabeceira com espelho, também há um banheiro. A iluminação do salão é de sempre baixa luminosidade, deixando um clima de mistério. As paredes do mesmo possuem as mesmas cores da fachada, com o mesmo logotipo do estabelecimento – esse último fica localizado atrás do palco.

Em relação a minha primeira incursão em campo, enquanto pesquisador, se fez por intermédio Nanine, empresário do ramo de eletroeletrônicos e assistência de celulares e notebooks, mas também vende passagens aéreas por meio das redes sociais, tendo os donos dos estabelecimentos como alguns dos clientes mais importantes. Como já foi dito, ele tem parentesco comigo, dessa forma, ajudava também no traslado para os estabelecimentos e possibilitando também conexões com os funcionários dos mesmos.

Certa ocasião, em um dia comum para ele, depois de inúmeros compromissos em sua loja, ele foi me buscar em minha residência, depois que eu já tinha demonstrado interesse em telo como companheiro de intercursos, por conta de sua história de vida. Meio relutante, por conta de a pesquisa envolver certos clientes importantes para ele, logo aceitou. Neste dia, ele foi me buscar em seu carro e não demorou para chegarmos na

Boate Duplessi – a mais próxima de minha residência. Chegando lá, o local já estava em pleno funcionamento, com vários clientes e mulheres circulando no salão com lingerie muito sensuais, sapados de salto alto e muito bem maquiadas. A bebida e as músicas envolventes davam o ar e o clima da festa que aquele estabelecimento propunha.

Logo que chegamos, fomos logo em direção ao bar do estabelecimento, onde Nanine perguntou de imediato a Jorge, garçom e barman da Boate Duplessi, sobre se Jorge Duval, proprietário do estabelecimento, estava no local. Com negativa, Jorge, responde: *“ele não tá, deve tá no depósito de bebida dele, ou resolvendo alguma coisa no outro cabaré dele”* (Relatório de campo, 12/02/2022). Jorge, estava bem ocupado, por conta do fluxo, mas bem disposto a responder as perguntas e conversar com Nanine, demonstrando assim certa amizade de longa data com meu interlocutor inicial.

Como narrado, Jorge Duval, faz carreira com estabelecimentos de prostituição feminina, sendo a Boate Duplessi seu empreendimento mais antigo, junto com o depósito de bebidas. Este novo estabelecimento de prostituição foi aberto no final ano de 2021, em plena pandemia, mesmo contrariando a situação do país e do estado, afetado economicamente por conta da condição sanitária. Mesmo diante disso, Jorge Duval, utilizou de propaganda massiva, como a criação de um perfil no *Instagram* e propagandas em carros de som com profissionais do sexo desfilando pelas ruas do bairro que esse estabelecimento foi aberto. Com uma distância significativa da Boate Duplessi, já em bairro bem longe do mesmo.

Jorge Duval sempre que pode ostenta seus carros, joias, cédulas de dinheiro em grandes valores e muitas bebidas alcoólicas caras nas redes sócias, seja no perfil dele, ou dos estabelecimentos. Quando está em seus empreendimentos, sempre gosta de mostrar sua posição como dono e homem bem sucedido. Na boate ele é sempre bem recebido, por todos, principalmente clientes. Como no caso de Gastão, cliente assíduo, é vendedor de peças e acessórios automobilísticos da região, sempre que pode estar no estabelecimento, mesmo sendo casado e com dois filhos pequenos. Ele trata Jorge Duval como amigo íntimo, mas sente certa vergonha quando tenta se comparar com o amigo. Deixa evidente sua frustração em relação a posição que está e a do amigo. Se entendendo menos digno de respeito e com ares de ressentimento. Isso pode ser visto também de forma global, pois “se as definições sociais de masculinidade enfatizam o *status* de provedor e de ser “forte”, os homens acabam por se ofender (com a posição das mulheres) porque faz que eles pareçam menos dignos” (CONNELL, 2016, p. 101-102), criando assim, uma certa

hostilidade às mulheres. Dessa forma, quando comentava algo em relação alguma profissional do sexo, alguma que não caia em seu gosto estético, sempre fazia algum comentário pejorativo, sempre quase inaudível para as demais pessoas que não as que estavam sua mesa.

Minha primeira ida a Camélias Bar e Drinks se deu também por conta de Nanine, que certa noite, por perceber fraco movimento na Boate Duplessi, me convidou para irmos lá. Logo aceitei. Chegando lá, com um grande sorriso, fomos recepcionados Marguerite, proprietária do estabelecimento. Logo Nanine me apresentou a ela, que depois de um pouco desconfiada, ficou alegre em saber que seu estabelecimento poderia estar presente em uma pesquisa. Informei, depois de algumas incursões lá que também estava pesquisando na Boate Duplessi, onde ela logo traçou certos comentários críticos sobre Jorge Duval. Falava que ela já tinha anos no ramo, que já tinha sido profissional do sexo também, e que Jorge Duval tinha começado depois dela e já tinha dois estabelecimentos. Senti certo ressentimento, apesar de que o estabelecimento dela ser um dos mais conhecidos no bairro e mesmo na cidade. Possuindo um fluxo grande de clientes e profissionais do sexo interessadas em trabalhar lá. Acredito que essa diferença entre o crescimento dos empreendimentos de Jorge Duval esteja principalmente ligado ao uso massivo das redes sociais e agressiva propaganda, bem como a localidade dos mesmo, em relação a Camélias Bar e Drinks. Sobre redes soais, a Camélias Bar e Drinks não possui nenhuma, apenas a proprietária possui um perfil, que ela não movimenta a anos.

4.3 Relações de gênero em um ambiente de prostituição: *performances*, masculinidades e heteronormatividade

É quase que inimaginável dimensionar as perspectivas que giram em torno da masculinidade sem se debruçar com análises sobre os atos corporais que envolvem a construção dos papéis tradicionais de gênero. “O corpo é um objeto de questionamento” e, como tal, nos insere e faz com que experienciamos o mundo. Assim, o corpo faz parte da trama, cujas “interações implicam em códigos, em sistemas de espera e de reciprocidade aos quais os atores se sujeitam” (LE BRETON, 2012, p. 36-47). Logo, paralelo a isso, compreendendo de acordo com, como foi assinalado no capítulo anterior, a interpretação sobre a teatralização da masculinidade enquanto *performances*:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2010: 194, grifo da autora)

Porém, um fator que determina e legitima essas performances de masculinidade é desempenhado sob o signo da heteronormatividade, uma vez que o *ideal de masculinidade* como aporte que se ancora à heteronormatividade como símbolo de coerção aos que infringem os parâmetros que envolvem esse ideal. Na sociedade brasileira, a heterossexualidade se configura como reguladora dos discursos e práticas da vida cotidiana.

Nesse sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será repensada como o efeito do poder, como o efeito mais produtivo do poder. Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um construto cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria – quer se entenda essa como o "corpo", quer como um suposto sexo. Em vez disso, uma vez que o próprio "sexo" seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O "sexo" é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2019, p. 195-196)

Dessa forma, como a autora argumenta, a materialidade do gênero no corpo só pode ser pensado dentro do âmbito do poder, nesse sentido, o poder normativo do gênero sobre o sexo, ou da normatividade regulatória. Devemos pensar a materialidade das normas regulatórias no corpo, não apenas o gênero sendo prescrito e inscrito em um plano material. Nesse contexto, as performances de masculinidades só podem ser exercidas a partir da marca da heteronormatividade enquanto um ideal normativo regulatório.

Na Boate Duplessi, em uma ocasião de entrevista com Alexandre, com quem estava na ocasião, possibilitou um entrelaço entre o que esperar do campo e a forma que ele se mostrou, isso em relação a minha primeira ambientação com o estabelecimento, enquanto pesquisador. Ao chamar Alexandre Gerente e administrador das redes sociais da Boate Duplessi – para conversar por alguns momentos, eu percebi e ouvi alguns clientes chamando o mesmo, que é homossexual, e logo perguntando se eu estava querendo ou propondo um programa com ele. Este momento foi desconfortável, em princípio, mas logo pude perceber em vias de regra como são as normas de interação e códigos de conduta compartilhadas por homens héteros – não só no estabelecimento, pois, em geral,

homens não gays evitam tal questionamento. O intrigante é não terem evitando a curiosidade e não terem se preocupado com a discrição ao perguntarem para Alexandre. Que respondeu sorrindo: *“não, ele não gosta do que eu poderia proporcionar pra ele.”* (Relatório de campo, 23/07/2022) mas vale destacar que Jorge Duval, proprietário da Boate Duplessi, já comentava com dúvidas minha aproximação com Alexandre.

Dois pontos que pretendo ressaltar: primeiro, por estarem em grupo de três homens, om várias profissionais do sexo com eles na mesa, mesmo que o questionamento tenha partido de um só cliente em específico, se tornou motivo de risos e zombarias por parte dos demais clientes; segundo, por me compreenderem como homossexual, pelo fato de estar conversando constantemente com Alexandre, não dando atenção para as profissionais do sexo que circulavam pelo estabelecimento, aparentando não pertencente às normas do lugar, ou seja, um estabelecimento para praticas heterossexuais – ainda por cima, eu aparentar ter menos idade que os tais clientes – ou por eles compreenderem que não fazíamos parte de seus vínculos sociais comuns aquela localidade. Neste sentido, “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos” pelo grupo “e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo.” (GOFFMAN, 2008, p. 41)

Neste caso, precisamente, não é apenas a masculinidade em si que está em jogo, mas a masculinidade que se estabelece socialmente naquele espaço em que está à companhia de uma pessoa, no caso de Alexandre, reconhecida como homo-orientada pelo grupo – que não as relações meramente as que se espera dele, orientar os funcionários e ter controle do funcionamento do estabelecimento – já se torna algo que envolve questionamentos sobre a sexualidade, mesmo que estivéssemos em companhia, várias horas, em outra ocasião, de Anaís. Essas interações nos permitem perceber como os corpos seguem itinerários que nos governam e, desse modo, “a construção do sexo não mais como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos” (BUTLER, 2019, p. 196).

Essas exhibições hiperbólicas que as práticas de masculinidade empreendem em si, demonstram atitudes esperadas em um estabelecimento de prostituição feminina. Nesses locais, ou você vai para lá para interagir e consumir bebidas alcoólicas com os demais clientes/amigos enquanto observa e ocorre a sedução das garotas ou vai para consumir sexo. Distante dessas normas, várias são as interpretações que podem se suceder por parte

dos *estabelecidos*²⁶ nesses ambientes. Pude compreender que para aqueles homens era necessário e importante subjugar a masculinidade e sexualidade de outros para demarcar as suas como pertencentes a um tipo legítimo de masculinidade, reconhecida e reforçada naquele espaço de convívio.

Sob esse prisma, analisaremos agora algumas situações e momentos que demonstram, como exemplos privilegiados, essas perspectivas que envolvem masculinidade, *performances* e heteronormatividade – essa última apontada anteriormente como a prerrogativa que envolve a regulação das condutas em uma casa de prostituição feminina.

4.4 A sexualidade e virilidade do macho: narrativas e práticas

Nos espaços de prostituição, corpos socializados – que incorporam determinados *habitus*²⁷ em suas trajetórias pessoais – mediam relações que ora reafirmam papéis tradicionais de gênero, ora subvertem-nos. O olhar a partir dos homens, clientes – ego desta pesquisa –, não faz obscurecer os modos de subversão das hierarquias pelas trabalhadoras sexuais. Em uma noite no Camélias Bar e Drinks, bem no começo das atividades e com pouco movimento estabeleceu-se um conflito entre um cliente e uma garota de programa que demonstra como há resistências nesses espaços. O cliente costumeiro de ambientes de prostituição – mas que afirma frequentá-los apenas como entretenimento, mesmo que eu mesmo já tenha visto várias vezes ele adentrar em quartos

²⁶ Aqui penso o conceito de estabelecidos a partir do caso estudado por Norbert Elias & John L. Scotson, onde eles analisam as configurações de poder na comunidade intitulada Winston Parva: “A descrição de uma comunidade da periferia urbana apresentada neste livro mostra uma clara divisão, em seu interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como outsiders. O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior — o carisma grupal distintivo — que o grupo dominante atribuía a si mesmo. [...] Vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como humanamente superiores. [...] Essa é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes”. (2000, p. 19)

²⁷ Nesse sentido, de acordo com Pierre Bourdieu (1983, p. 65), o *habitus* é definido como: “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas”. Ou seja, são sistemas esquemáticos que agem nos indivíduos, constituídos socialmente por arranjos estruturados, no campo social, e estruturantes, no campo subjetivo. Por fim, são obtidos pelas em condições práticas específicas, dimensionando as ações na vida cotidiana.

com as trabalhadoras sexuais em ocasiões específicas –, com certa intimidade, começa a zombar de maneira depreciativa de uma das garotas. Ela, acostumada com esse tipo de comportamento por parte de alguns clientes, solta a seguinte frase: “– Tú tá fazendo isso porque o menino está aqui.” (Relatório de campo, 23/04/2022) eu, que o acompanhava, naquele momento me tornei o menino, avesso às linguagens, narrativas e performances daquele ambiente.

Desse modo, ser considerado um menino em um ambiente de prostituição é não ser um iniciado, é ser definido como a margem, fora dos códigos e normas ali estabelecidos. Pereira (2010), ao descrever uma de suas experiências de campo, destaca o seu incômodo ao ser chamada pelas garotas de menina, de mocinha – referências a moça de família em um estado de estruturas familiares tradicionais – pois esse discurso demarcava sua diferenciação entre ela e as garotas e o quanto seus contextos são intransponíveis. Fronteiras simbólicas estabelecidas em relações que convergem com fronteiras geográficas.

Porém, podendo perpassar esses espaços, devemos perceber como os agentes nessas interações circulam entre os papéis de sexualidade e como são entendidas as produções de masculinidades nesses estabelecimentos. Assim sendo, os dois relatos demonstram que o estigma da prostituição recai de forma antagônica entre homens e mulheres. A troca de afetos por dinheiro, como ressaltado por Zelezer (2009), – e nisso inclui sexo – faz parte das relações humanas. A tentativa do cristianismo de separar essas esferas, purificando o afeto, criou camadas que buscou esconder essas relações. Na pesquisa feita em campo, dificilmente os clientes das casas de prostituição feminina são definidos da mesma forma que as garotas, denotando desigualdades gritantes e que situam a mulher como um involucro de doenças e pecados, demonstrando o apelo religioso nos discursos que estigmatizam-nas²⁸. Porém, a que se destacar de que, ao final, o “pato” é o cliente, que sairá do estabelecimento com a carteira vazia.

Cotidianamente, há maneiras de resistir às estigmatizações, como os mecanismos empreendidos pelas garotas que não aceitam caladas as rotulações, ou seja: com

²⁸ Estigma é definido por Goffman (1988, p. 12-13), diante de uma pessoa estigmatizada, como: “[...] um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descredito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...]. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.”

zombarias, como foi colocado anteriormente; ou mesmo por meio de agressões físicas. São micropoderes que se interpõem e subvertem relações de dominação e hierarquia (FOUCAULT, 2019). Do começo ao término do encontro, como outras estudiosas e estúdios sobre o tema ressaltam (FREITAS, 1985; PASINI, 2000; PEREIRA, 2010), a mulher detém o poder de aceitar ou não o programa. Não são apenas vítimas, mas possuem poder de agenciamento em um cenário hostil, porém, a partir da construção de valentias.

Dessa forma, elas se mostram não como pobres coitadas que seriam dignas de pena, mas mulheres valentes e destemidas, como relata Dionísio, o gerente e cafetão da Boate Duplessi: *“As meninas daqui se ouvirem, elas vão logo em cima e diz um monte de coisas para eles e outras fala até: “O que tu quer com minha vida? Tu paga minhas contas? Não paga!” E outras partem logo pro murro²⁹”* (Relatório de campo, 20/06/2022). Percebe-se que os atributos que são impostos ao gênero como natural, se trata de elementos cambiantes entre os gêneros e, em muitos dos casos investigados, eles se mostram performáticos a depender da situação em questão. Como analisado pela pesquisadora Elisiane Pasini (2017, p. 208) relata sobre a prática da valentia no zona de prostituição da Vila Mimosa:

Naquele contexto havia algo recorrente para se pensar gênero: a valentia. Condição de possibilidade para se ocupar aquele contexto sociocultural, a valentia em nossa sociedade está marcada hegemonicamente como um atributo masculino, entretanto, na Vila, ser valente é um atributo das feminilidades e das masculinidades. A valentia tornou-se um atributo de gênero fundamental para esses sujeitos porque há nessa apropriação uma demonstração de poder. No universo estudado, se é alguém se for valente.

Em relação a diversidade de masculinidades exercidas nos ambientes de prostituição pesquisados, vale destacar a importância do que Nichette nos relata sobre sua preferência em torno dos clientes, e com isso como podemos analisar as dinâmicas de gênero em volta do que pode ser compreendido como elemento distintivo entre a relação cliente/namorado, dessa maneira:

Então, sabe, eu gosto mesmo é dos *novinhos*³⁰. Quando eu *gamo* (cria afeto) eu um, eu não cobro o programa às vezes. Já sobre usar a camisinha, eu só não uso quando é um cara que eu namoro ou que eu gosto, mas com os caras aqui (clientes), isso é obrigatório. (Relatório de campo, 14/04/2022)

²⁹ Termo êmico que designa a luta corporal entre pessoas.

³⁰ Termo êmico que faz referência a homens que aparentam serem mais novos, mesmo que a idade não corresponda a isso.

Dado a situação que é retratada por Nichette, o “*novinho*” não resulta apenas das características físicas, mas para além, constituindo uma espécie de masculinidade diferenciada, que se encontra em posição distinta em relação a masculinidade relatada na sessão anterior. Na atualidade, há possibilidades de construção da masculinidade para além, da masculinidade rude, tóxica – que busca de todas as formas e meios exhibir seu “status de macho”, viril e dominante. Mas essa apreensão sobre o tipo almejado de masculinidade entre os homens e o que encontra muitas vezes, está atrelada a barreira entre prática da prostituição e os papéis desempenhados nessas relações.

No que tange o uso do preservativo, há uma produção e delimitação de distinções, com ele sendo um dispositivo que agrega valor para além da própria prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, mas sim como uma separação entre a vida pessoal afetivo-sexual (marido, namorado, caso ou amante) e a prática profissional (o cliente). Porém, ao contrário, como relatado por Olímpia – profissional do sexo que estava trabalhando na Camélias Bar Drinks quase um mês, possuía feições indígenas, cabelos bem longos, até a cintura, negros e lisos –, ao se referir ao uso da camisinha:

Tem uns caras que vem aqui que pedem para não usar camisinha, aí falam que aperta e tal. Quando insistem muito, eu mostro a camisinha feminina, já que eu que coloco. Eu tenho o poder de escolher meus clientes, aí se ficar nisso eu nem vou. Tá maluco!? Esses caras tu nem sabe de qual é a deles, quem vê cara, não ver pau. Eles caras que acabam passando doença pras mulheres em casa. A mulher não sai e o cara traindo na rua e leva doença pra mulher. Eu vou mesmo cair nesses papinhos!? (Relatório de campo, 23/06/2022)

Esse discurso pode ser refletido também em grandes mudanças globais em relação a infecções de doenças sexualmente transmissíveis. Pois,

É bem verdade que parcela significativa dos estudos sobre o impacto da AIDS na sexualidade masculina no Brasil foram feitos a partir dos homossexuais, grupo inicialmente mais atingido pela epidemia. Hoje, no entanto, com a mudança dos padrões epidemiológicos da doença, são os homens hetero e bi-sexuais os mais atingidos e também aqueles que têm demonstrado maior resistência às campanhas de prevenção. (GROSSI, 2004, p. 9)

Mesmo outras profissionais do sexo, além de Nichette, narrarem esse sentido da camisinha como dispositivo de distinção afetiva/profissional, vale destacar o ponto dissonante de Olímpia em relação não só a própria camisinha, mas também pelos comportamentos de diversos homens. Principalmente em relação ao seu autocuidado. Dessa forma, “não usando preservativos, elas manifestam uma diferença de sentimentos,

em que formam uma hierarquia dos seus afetos (entre os clientes e os não clientes) e, ainda, estabelecem uma prova da sua fidelidade (PASINI, 2000, p. 140).

Outro ponto importante a ser salientado é a concepção dos espaços de prostituição femininos como lugares onde locais quase que ritualístico na transição de meninos em adultos pela prática sexual. Como certa vez Anaís me narrou:

Vez ou outra vem uns caras com os filhos, pra eu tirar o *cabaço*³¹ deles. Mas também uns moleques com os amigos. Os caras (pais) são bem escrotos, mas os meninos são bem na deles, calados, até mesmo depois de uns goles de cerveja. Eu tento deixar eles confortáveis, lá no quarto. Mas tem uns bem apressadinhos, pensam que estão em um vídeo pornô. Ai dou uma acalmada neles e dito as normas e de como vai ser. Os pais, depois que os meninos saem do quarto, ficam muito animados e bebem demais da conta. (Relatório de campo, 04/07/2022)

Nesse sentido, “o corpo é, portanto, o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero.” Há “vários exemplos de rituais de separação do menino (“do mundo das mulheres”), ou seja, do mundo das mulheres que muitas vezes é o mundo da casa, pois o menino vai ser separado deste feminino para se constituir como masculino.” (GROSSI, 2004, p. 7) E a sexualidade é um dispositivo importante para essa separação. Ou seja, os rituais tornam possíveis para a sociedade a transmissão de seus valores. Como os rituais de outras culturas, que

Em geral, nesses rituais de sociedades tribais, os homens mais velhos pegam os meninos e os levam para florestas, onde são feitas inúmeras provas para que os meninos se tornem adultos. Aqui no Brasil, nas tribos indígenas do alto Xingu, onde as mulheres não podem ver as flautas porque as flautas são sagradas, os meninos aprendem, nesses rituais de iniciação, mitos associados a esse poder masculino representado pelo uso das flautas e aprendem a punir, pela violência do estupro, as mulheres que ousarem olhar para estes objetos sagrados. Além de inúmeras situações de violência, há também, nestes rituais, situações que estão diretamente ligadas à sexualidade como constituidora da masculinidade. O sêmen é o fluído corporal que representa simbolicamente a masculinidade, pois só os homens o produzem. Por isto, por exemplo, em alguns grupos, como para os Baruya da Nova Guiné, a masculinidade se constitui também pela ingestão de sêmen de homens mais velhos, pois eles pensam que, bebendo o sêmen, os meninos vão se tornar mais homens por terem incorporado a substância masculina. (Idem, p. 7)

Em suma, como foi exposto, várias são as práticas, dispositivos e atuações que os diversos atores desempenham, produzem e reproduzem nesses estabelecimentos. Proporcionando enfrentamentos e sentido, sejam ele objetivos ou subjetivos. As nuances

³¹ Termo êmico que se refere a virgindade, seja de homens ou mulheres.

de tais práticas são colocadas em evidência a partir experiências tidas como cotidianas nesses espaços.

4.5 Dinâmicas e interações no universo da prostituição

Julgo importante nessa última sessão analisar as formas e condições que os sujeitos realizam as atuações nesses estabelecimentos, de acordo com seus códigos e negociações da ordem, pois, sendo assim, apreender de forma adequada as suas dinâmicas próprias e distintas. Talvez, evidenciando o que traz de único na prostituição exercida nesta localidade.

Apesar das duas casas de prostituição possuírem horários estabelecidos em torno de seus funcionamentos, nem sempre se pode encontrá-las com suas portas abertas durante a semana e muitas vezes até nos fins de semana, onde espera-se um maior rendimento para seus proprietários e garotas de programa que ali tentam faturar algum dinheiro. Os fatores que envolvem essa questão são os mais variados, dentro deles está o fato de as garotas conseguissem chegar no lucro programado e tenha voltado para sua cidade de origem, ou por conta de alguma festa nas cidades próximas.

Por conseguinte, nos ambientes pesquisados as garotas ao serem perguntadas sobre os preços dos programas se percebe uma certa variação nos valores, indo de R\$100,00 (cem reais) à R\$150,00 (cento e cinquenta reais). Diante disso, notasse uma certa consonância em relação ao valor que as profissionais do sexo atribuem ao seus serviços, nível econômico da cidade e de seus clientes – pois, em cidades interioranas, como percebido por minha pesquisa anterior (RAMOS, 2020), os valores dos programas iam de R\$30 (trinta reais) à R\$50 (cinquenta reais).

Não obstante, Georg Simmel (2006), ao analisar o dinheiro como mediador das relações humanas na modernidade, descreve a prática como eficaz para se lançar luz e refletir acerca da padronização advinda das relações monetárias. Nesse sentido, ao empreender uma genealogia da circulação do dinheiro desde os casamentos por dotes, o autor destaca que ao alienar sua subjetividade, a garota se objetiviza escancarando a relação de submissão feminina ante ao macho provedor. Desse modo, a mulher estaria mais próxima da natureza do que das relações e códigos sociais do que os homens. Outras perspectivas ao longo dos estudos sobre prostituição apresentarão perspectivas sobre essa prática que dialogam com a perspectiva de Simmel. Aqui cabe destacar seu papel pioneiro

na compreensão dos efeitos morais que recaem de modo distinto entre homens e mulheres que se vinculam através da prática da prostituição, ou seja, da mediação do intercursos sexual pelo dinheiro.

Sobre o mesmo ponto, para Elisiane Pasini (2000), essas garotas estabelecem regras aos clientes, centradas na relação com o corpo, que consiste em não poder “gozar e beijar”, por exemplo. Dessa forma, acabam legitimando o poder com o próprio corpo. Nesse sentido, a garota de programa em sua identidade como mulher, namorada, parceira afetiva, utilizam essas regras para saber diferenciar o que é sexo no trabalho do sexo afetivo. Em conformidade com isso, pode-se constatar que:

Os compromissos tácitos se estabelecem através de comunicações. Não, todavia, através do conteúdo do que se diz ou do que se expressa através de gestos, mas, sim, através do ato repetitivo e ritualizado da comunicação em si mesmo. O conteúdo de nossas comunicações e freqüentemente ambíguo e nem sempre mutuamente compreensível porque consiste, em parte, de expressões indíceicas cujos significados comportam interpretações divergentes e nem sempre verbalizáveis. (FREITAS, 1985: 13)

A repetição ritual contribui de forma significativa para a manutenção da ordem nesses estabelecimentos, mas também o fator de observação e apagamento do corpo, mas sem deixar de interagir nas situações dadas. Alguns momentos podem-se perceber quem são os clientes que são iniciantes nessas incursões e aqueles que já dominam as formas de se relacionar e portar nos ambientes de prostituição, seja pela fala livre e sem constrangimentos, mas dominando os códigos de conduta, ou na maneira de se sentarem nas cadeiras, também de forma livre e exposta. Mas quando há violação das condutas e dos códigos de compromissos tácitos, logo se procura alternativas para o reordenamento do clima no salão, podendo variar conforme a violação, como Arthur, Garçom do Camélias Bar Drinks, narra:

Tem vezes que os caras que vem aqui já vem muito bêbados, tem gente que sabe ficar na sua, mas tem uns, sabe!? Acabam criando problema. As meninas aqui não aguentam isso não, tem umas que vão logo xingando, e tem outras que dão logo porrada nesses bêbados. Teve o caso da Olímpia, ela tava de boa aqui e do nada um cara bêbado chamou ela de puta, falando: “– vem aqui sua puta!” Ela foi logo lá xingando ele e pegou a garrafa de cerveja que tava na mesa e quebrou na cabeça dele. Olímpia sempre ri disso – como fez quando perguntei para ela em outra ocasião. (Relatório de campo, 21/06/2022)

Em seguida, perguntei para Arthur se Marguerite, havia mandado ela embora por aquilo, mas ele falou que não e que o cliente em questão ainda foi espancado mais ainda

por Lancelot. Fica evidenciado que naquele estabelecimento havia um certo grau de pertencimento de colisão entre os sujeitos que constituem este ambiente, mantendo assim a coerência do local. Assim sendo,

[...] o comportamento das pessoas é orientado através de comunicações e cognições que, ao contrário do que convencionalmente se supõe, não operam sobre bases cognitivas, mas sim, emocionais. As pessoas não precisam saber o significado preciso das expressões simbólicas que utilizam para acioná-las em suas interações. É suficiente, para elas, sentirem que estão dirigindo tais expressões a parceiros de uma coalizão específica: a pessoas que vão reagir de acordo uma normalidade assumida. (FREITAS, 1985: 13)

Casos como esse relatado também fazem parte das narrativas cotidianas da Boate Duplessi, mas situações como estas são logo sanadas de imediato, sem mesmo a necessidade da atuação das profissionais do sexo com atitudes mais enérgicas, como no caso de Olímpia. Muitas vezes os próprios clientes, ao verem tais comportamentos desviantes do esperado nos estabelecimentos já ficam em prontidão para intervirem.

Esses relatos em tornos dos dois estabelecimentos, evidenciam que esses locais possuem formas lógicas próprias de ordenamento e de interação que são estabelecidos entre clientes/ garotas de programa e Garotas de programa/proprietários. Há dimensões importantes em todas as interações que necessitam de muita atenção, pois, apesar de a prática da prostituição está envolto de perspectivas que vão do leal ao ilegal, ela tem por trás limites e barreiras que não podem ser ultrapassadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurei demonstrar que para além do que costumeiramente se entende pelas práticas da prostituição e os espaços onde ela é exercida, esses espaços e as interações entre os diversos atores sociais que constroem e reconstróem significados, códigos e condutas, podem possibilitar um maior dimensionamento e debate acerca da construção e reprodução de masculinidades que ora estão no campo definido como hegemônica, como princípio dominante, ora remodeladas e cambiantes e que produzem hierarquias.

Dessa forma, “como lugar simbólico valorizado que orienta a estruturação de comportamentos dos agentes, através de suas vivências interacionais indenitárias, a masculinidade funciona muitas vezes como uma grande meta para a qual se organiza ritos” (OLIVEIRA, 2004, p. 247). Nesse sentido, esses ritos estão diretamente relacionados as *performances de gênero* que observamos em atuações realizadas por diversos atores sociais que utilizam dos espaços de prostituição para de alguma forma legitimarem e reafirmarem seu *status de macho* e inscrevendo em seus corpos o gênero (BUTLER, 2010).

Com esta pesquisa pudemos analisar com a prática da prostituição foi sendo analisa e compreendida ao longo da história, algo a ser combatido para a manutenção da moral e bons costumes de uma sociedade arraigada de contradições e em transformação; um *mal necessário*, para a manutenção da família burguesa e seu modelo nuclear; os enfoques sobre comportamentos desviantes; e os estudos sobre gênero e sexualidade. Isso dimensiona os paradoxos e problemáticas que até hoje essa temática ainda carrega. Mas mesmo assim, rica em possibilidades de análise.

Os estudos sobre masculinidades também são campos de tencionamento dentro do que se refere aos estudos de gênero. Pois, desde os primeiros estudos feministas, o homem e as masculinidades foram sendo compreendidos com certa limitação, até seu refinamento e enfoques diversos. As transformações da sociedade demonstram que esse gênero, tido antes como vilão ou algoz, hoje passa por mudanças. Dessa forma, são necessárias perspectivas mais abrangentes em relação as masculinidade. O que foi colocado neste trabalho, como nos campos da educação, saúde mental e física, política, cultural e social.

A partir da pesquisa de campo, com inúmeros interlocutores pesquisados, pudemos perceber como as masculinidades tem uma dimensão complexa, que aciona

discursos, práticas e códigos. Em casas de prostituição feminina que são postas como palcos para o desempenho de corpos gendrificadas e sexuadas, necessitados de serem performatizados. O interessante também é que as características dadas a um gênero como naturais são cambiantes e podem se deslocar entre os sujeitos, como no caso da valentia.

Por fim, “acredito que uma séria reflexão sobre nossas experiências torna possível a colocação entre parênteses das perspectivas e posições adotadas sob um novo ponto de vista reflexivo, num movimento em si mesmo libertador. ” (OLIVEIRA, 2004, p. 293) assim, possibilitando, a priori, uma percepção mais profunda das assimetrias que tangem as relações de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "Quem é froxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 19, 1999. p. 173-188.
- _____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Nordestino**: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- BECKER, Howard S. Conferência A Escola de Chicago. **Mana** – estudos de Antropologia Social, v. 2, n. 2, out/ 1996. p. 177-188.
- _____. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 34. ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problema de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 191-219.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CONNEL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- _____. Introdução. In: VIVEROS VIGOYA, M. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.
- COVID-19 Data Repository by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE). Johns Hopkins University. Disponível em: <https://arcg.is/0fHmTX> Acesso em: 8 jun. 2022.
- DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter Anthropological Blues. **Boletim do Museu Nacional** – Antropologia, n. 27, maio 1978.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- DIAS, Natasha Kelly Vieira. **Sexo Pago**: Refletindo sobre a Construção da Masculinidade a partir da relação Cliente-Prostituta. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- DUMAS FILHO, Alexandre. **A dama das camélias**. São Paulo: Brasiliense, 1965
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo** – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo, ano 14, n. 13, 2005.

- FREITAS, Renan S. **Bordel, bordéis: negociando identidades**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. 1.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- FONSECA, Claudia. **Família Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2. ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 7. ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- _____. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (Org.). 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HOOKS, Bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.
- GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. – [reimp.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- _____. **A representação do eu na vida cotidiana**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOLDWASSER, Maria Julia: “Cria Fama e Deita-se na Cama”: um estudo de estigmatização numa instituição total. In: VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência: uma crítica a patologia social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985. p. 29-51.
- GROSSI, M. P. (Org.). **Trabalho de Campo e Subjetividade**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992.
- _____. **Masculinidades: Uma revisão teórica**, 2004. Disponível em: <<http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- LOURO, Guacia Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-42.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LECHAKOSKI, Leandro; ADELMAN, Míriam. O homem cordial: modernização do Brasil e homossociabilidade. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES**, v. 1, n. 1, 2011.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo, 2019.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, M. R. (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 35-78.

MAGNANI, J. G. C. O circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, n. 15, p. 1-3, 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/2014>. Acesso em: 10 out. 2019.

MAZZARIOL, Regina. **Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas**. 1976. 243 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, 1976.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 809-840, 2008

MESQUITA, R. F. D., MATOS, F. R. N., Machado, D. D. Q., Sena, A. M. C. D., & Baptista, M. M. R. T. (2018). Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, 23(2), 134-153.

MURPHY, Emmett. **História dos Grandes Bordeis do Mundo**. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1994.

MUSZKAT, Malvina E. **O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo**. Summus Editorial, 2018.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; GROSSI, Miriam Pillar. MASCULINIDADES EM FOCO: DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE SER HOMEM.. In: Anais do 10º CONINTER - CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. Anais...Niterói(RJ) Programa de Pós-Graduação em, 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/x22021/437869-MASCULINIDADES-EM-FOCO--DIFERENTES-PERSPECTIVAS-TEORICAS-SOBRE-SER-HOMEM>>. Acesso em: 05/12/2022.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes**. EdUERJ, 2013.

OLIVEN, Ruben George. **Violência e Cultura no Brasil**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

O que é a Amazônia Legal. Dicionário Ambiental. **((o))eco**, Rio de Janeiro, nov. 2014. Disponível em: <http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28783-o-que-e-a-amazonia-legal/>. Acesso em: 12 out. 2022.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Coronavírus. COVID-2019 [Internet]. Organização Mundial de Saúde. 2021 Disponível em: <https://www.paho.org/pt/brasil>. Acessado em: 28 out. 2022]

PASINI, Elisiane. **Corpos em Evidência: pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo**. 2000. 167 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Campinas, 2000.

_____. **Homens da Vila:** Um Estudo sobre Relações de Gênero num universo de Prostituição Feminina. 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. Práticas de valentias: uma pesquisa etnográfica na Vila Mimosa. In: **O espírito da antropologia:** tecendo linhagens homenagem a Claudia Fonseca. Jurema Brites e Flávia de Mattos Motta (org.). 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017, p. 207-237.

PENA, João Soares; DA SILVA, Fernanda Priscila Alves. TRABALHO SEXUAL E COVID-19: ENTRE O RISCO E A SOBREVIVÊNCIA. **Revista Espirales**, 2021.

PEREIRA, Amanda Gomes. “Um bonde chamado afeto”: descrevendo as conexões numa casa de prostituição feminina. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

_____. **Estudos sobre Prostituição:** uma revisão da bibliografia sobre o tema e sua inserção no campo dos estudos de gênero. Dossiê CÂMARA MUNICIPAL, REVISTA HISTÓRIA - Ano 5, v. 1, n. 1, 2014.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

RAMOS, Ramisson Corrêa. **O Freguês Da Meia Noite:** A performance e a construção dos papéis de gênero em casas de prostituição de mulheres em uma cidade interiorana do estado do Maranhão. 2020. 76 f. Monografia (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2020.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **ZBM:** o reino encantado da boemia. São Luís: Lithograf, 2002.

REIS, Tatiana. **Prostituição feminina:** interação entre sexualidade, corpo, cor e desejo. Seminário Internacional Fazendo Gênero, Edição 7, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/T/Tatiana_Reis_51.pdf. Acesso em: 05 de ago. 2021

_____. **Sexualidade e cor:** dinâmicas da prostituição feminina nas áreas centrais da cidade de São Luís, Maranhão. São Luís: Eduema, 2015.

_____. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SACRAMENTO, Octávio José Rio do. **Os clientes da prostituição abrigada:** a procura do sexo comercial na perspectiva da construção da masculinidade. 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Portugal, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. Desejos proibidos. Práticas da prostituição feminina. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos. **Prazeres dissidentes**. Garamond Universitaria, 2009. p. 289-305.

TOBIN, Jeffrey. A performance da masculinidade portenha no churrasco. **Cadernos pagu**, n. 12, p. 301-329, 1999.

APÊNDICE

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “**MACHO E/OU CLIENTE?** As performances e a construção dos papéis de gênero em estabelecimentos de prostituição de mulheres no município de São Luís/ Maranhão” do pesquisador **Ramisson Correa Ramos**, sob orientação da professora Dra. **Ana Caroline Amorim Oliveira**, do Programa em Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-Pgcult da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, o qual você terá uma cópia. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. Esta pesquisa tem como finalidade investigar e analisar as *performances* de masculinidades, dos clientes inseridos nos ambientes de prostituição do perímetro urbano de São Luís - MA, à luz das relações de gênero. Ao participar deste estudo você permitirá que o pesquisador, por meio de entrevistas, na qual lhe serão solicitadas informações referentes a questões relativas à prática da prostituição, sua experiência nesses ambientes, sua visão e sua relação com os mesmos. O público alvo da pesquisa são os frequentadores, as trabalhadoras do sexo e funcionários do estabelecimento.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em responder aos questionários semiestruturados que serão aplicados no formato físico e presencialmente seguindo todos os protocolos de segurança sanitária conforme a Organização Mundial de Saúde-OMS.
3. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão o aprofundamento dos conhecimentos dos sujeitos neste campo empírico que contribuirá para a construção das políticas de saúde pública.
5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12, 510/16 e 674/22 do Conselho Nacional de Saúde.

8. O nome dos participantes será mantido em **sigilo**, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Ramisson Correa Ramos, e-mail: ramisson.correa@discente.ufma.br , telefone (98)983289514, Ana Caroline Amorim Oliveira, e-mail: oliveira.ana@ufma.br, telefone (98)981394818, com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA, Prédio CEB Velho, em frente ao Auditório Sérgio Ferretti, E-mail: cepufma@ufma.br, Telefone: (98) 3272-8708, e/ou com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, telefone (61) 3315.5877, e-mail: conep@saude.gov.br.

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade _____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante

APÊNDICE B**DECLARAÇÃO DE LIBERAÇÃO DO LOCAL DE COLETA DE DADOS**

São Luís- Maranhão, __/__/____

Eu, _____ declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado “**MACHO E/OU CLIENTE?** As performances e a construção dos papéis de gênero em estabelecimentos de prostituição de mulheres no município de São Luís/ Maranhão”, sob a responsabilidade do(s) pesquisador (es) **Ramisson Corrêa Ramos** que a _____, conforme Resolução CNS/MS 466/12, assume a responsabilidade de fazer cumprir os Termos da Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99, 303/2000, 304/2000, 340/2004, 346/2005 e 347/2005), viabilizando a produção de dados da pesquisa citada, para que se cumpram os objetivos do projeto apresentado. Esperamos, outrossim, que os resultados produzidos possam ser informados a esta instituição por meio de Relatório anual enviado ao CEP ou por outros meios de praxe.

De acordo e ciente,

Assinatura do responsável

CPF:

Responsável pela _____

APÊNDICE C



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: MACHO E/OUCLIENTE?: A performance e a construção dos papéis de gênero em casas de prostituição de mulheres no município de São Luís/ Maranhão.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 6			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Ramisson Corrêa Ramos			
6. CPF: 061.710.043-83		7. Endereço (Rua, n.º): 17 B, casa 7, unidade 101 CIDADE OPERARIA SAO LUIS MARANHÃO 65058047	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 98983289514	10. Outro Telefone:	11. Email: ramisson.cr@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: <u>05 / 04 / 2022</u> <u>Ramisson C. Ramos</u> Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal do Maranhão		13. CNPJ:	
14. Unidade/Órgão: Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade		15. Telefone: (98) 3272-8000	
16. Outro Telefone:			
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Responsável: <u>Flávio Luiz de Castro Freitas</u> CPF: <u>624545013-68</u> Cargo/Função: <u>Coordenador do PGCult</u> Data: <u>06 / 04 / 2022</u> <u>Flávio Luiz de Castro Freitas</u> Assinatura			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			